

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

FERNANDO CAMARA RIEGER

**A ESTAGNAÇÃO ECONÔMICA DOS ANOS 70 E A INTERVENÇÃO SOVIÉTICA
NO AFGANISTÃO: FATORES PARA A QUEDA DA URSS.**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Santana do Livramento

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

FERNANDO CAMARA RIEGER

**A ESTAGNAÇÃO ECONÔMICA DOS ANOS 70 E A INTERVENÇÃO SOVIÉTICA
NO AFGANISTÃO: FATORES PARA A QUEDA DA URSS.**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Rafael Balardin

**Sant'Ana do Livramento
2015**

Catálogo da Publicação

Serviço de Documentação

Universidade Federal do Pampa - Unipampa

R554e Rieger, Fernando Camara

A estagnação econômica dos anos 70 e a intervenção soviética no Afeganistão: fatores para a queda da URSS / Fernando Camara Rieger – Santana do Livramento: Universidade Federal do Pampa, 2015.
68 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2015.
"Orientação: Rafael Balardin".
"Coorientação: Flávio Lira".

1. Crise dos anos 70. 2. Guerra Fria. 3. Afeganistão. 4. URSS. Monografia. I. Balardin, Rafael. II. Universidade Federal do Pampa, Campus Santana do Livramento, Curso de Relações Internacionais, 2015. III. A estagnação econômica dos anos 70 e a intervenção soviética no Afeganistão: fatores para a queda da URSS.

CDD:327

FERNANDO CAMARA RIEGER

A estagnação econômica dos anos 70 e a intervenção soviética no Afeganistão: fatores para a queda da URSS.

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 22/01/2015.

Banca examinadora:

Prof. Msc. Rafael Balardin
Orientador
UNIPAMPA

Profª. Anna Carletti
UNIPAMPA

Prof. Gabriel Pessin Adam
ESPM

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, de alguma forma, me apoiaram, incentivaram e, acima de tudo, acompanharam as dificuldades que transformaram esta pesquisa em uma lição de vida. Quero salientar, também, a importância dos meus pais neste processo, além de amigos e pessoas que conheci durante a minha graduação.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais que me apoiaram em todos os momentos, condição *sine qua non* para que eu pudesse me dedicar integralmente aos meus sonhos.

Aos professores do curso de Relações Internacionais que estiveram comigo e demais colegas ao longo de toda a jornada acadêmica.

A todos os amigos que tornaram a estada em Santana do Livramento uma experiência inesquecível.

Расцветали яблони и груши,
[Rastsvetali iabloni i grushi]

Поплыли туманы над рекой.
[Poplyli tumany nad rekoj]

Выходила на берег Катюша,
[Vykhodila na bereg Katyusha]

На высокий берег на крутой.
[Na vysokij bereg na krutoj]

(Катюша / Katyusha)¹

¹ Cresciam as maçãs e peras, pairava a névoa sobre o rio. E surgia na margem, Katyusha, na alta encosta da margem.

RESUMO

A dissolução da União Soviética em 1991 trouxe para a academia diversos estudos que apontam os motivos e as consequências deste evento para o cenário internacional. A partir disso, nota-se que alguns eventos que corroboraram para a queda soviética possuem pesos relativos dentro do processo de declínio. Os novos paradigmas internacionais do mundo pós-Guerra Fria dão luz a novas perspectivas diante dos acontecimentos oriundos do mundo bipolar, o que podem ser considerados como revisionismos históricos. O processo de dissolução da União Soviética corresponde a diversos fatores conjunturais que levaram a mesma ao inevitável em 1991. A estagnação econômica dos anos 70 está atribuída a medidas errôneas de décadas passadas, além dos paradoxos sociais que mascararam os problemas profundos da economia soviética. A intervenção militar no Afeganistão, por sua vez, está relacionada à falência das ingerências políticas dentro do Estado afegão, pois este evento corresponde ao fim de um processo que se iniciou nos anos 50 e que culminou com a “Guerra do Afeganistão”, em 1979. Neste momento, o processo de decadência nos índices econômicos relativos aos desdobramentos da estagnação se soma a crise política e militar no Afeganistão, levando a URSS a quase dez anos de conflito, isolamento internacional e falência econômica. Sendo assim, a dissolução da União Soviética, vista a partir destes dois eventos, está ligada à mescla de processos conduzidos diante dos cenários da época.

Palavras-Chave: Crise dos anos 70; Guerra Fria; Afeganistão; URSS.

ABSTRACT

The dissolution of Soviet Union in 1991 brings to academy a number of studies which point the reasons and consequences of that event for the international theater. From that, it's observed some events which corroborated for the soviet fall has different weight in the decline process. The recent international paradigms of the post-Cold War world bring news perspectives about the bipolar world, which can be considered with historical revisionism. The process of dissolution of Soviet Union correspond a number of conjectural factors what led the USSR to inevitable rupture, in 1991. The economic stagnation of 70's is attributed to erroneous measures of past decades, beyond of social paradoxes which masked deep problems in the soviet economy. The military intervention in Afghanistan, on the other hand is related to failure of political interference within the Afghan state, because this event is the end of a process that began in the 50s and culminating in the "Afghan War", in 1979. In this moment, the process of decay in the economic indicators for the developments of stagnation is added on the political and military crisis in Afghanistan, leading the USSR to almost ten years of conflict, international isolation and economic bankruptcy. Therefore, the dissolution of Soviet Union, observed from these two events, is connected to others processes conducted in front of scenarios of the period.

Keywords: 70's crisis; Cold War; Afghanistan; USSR.

SUMÁRIO

1. Introdução	10
1.1 Problema	11
1.2 Hipótese.....	11
1.3 Justificativa	12
1.4 Objetivo Geral.....	12
1.5 Objetivos Específicos.....	13
1.6 Metodologia	13
2. Embasamento Teórico	14
3. A Era Brezhnev e a estagnação dos anos 70	19
3.1 Antecedentes	19
3.2 Governo Brezhnev (1964-1982).....	22
3.3 A URSS e a (inter)dependência	25
3.4 A questão petrolífera	29
4. O peso da relação afegão-soviética para Moscou e a intervenção militar de 1979	36
4.1 A construção da presença soviética: o estreitamento das relações político-econômicas	38
4.2 A instabilidade política e os caminhos para a intervenção militar	41
4.3 A intervenção militar e suas consequências.....	44
5. A Era da Estagnação, o processo de intervenção no Afeganistão e a queda da URSS: momentos correlacionado?	50
5.1 O caminho sem volta da dissolução	57
Considerações Finais	61
Referências	65

1. INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XX, a URSS se solidifica no cenário internacional não só com uma das grandes vencedoras da Segunda Guerra Mundial, mas também, como um Estado ideológico, cujas ações internacionais estariam pautadas por meio da bipolaridade e demais divisões do contexto de Guerra Fria.

Com a morte de Joseph Stalin, a URSS entra em um período chamado de “revisionismo”, que embora tenha aproximado politicamente a União com o ocidente (principalmente os EUA), gerou o rompimento das relações sino-soviéticas, causando uma grande cisão no bloco socialista. De outro lado, a conjuntura em que a URSS estava envolvida fez com que os ideais soviéticos fossem encorajados em diversas partes do mundo, principalmente na África, onde grande parte das revoluções de cunho marxista-leninista aconteceu.

As particularidades da economia soviética, no entanto, não seguiram a tendência revisionista. No início dos anos 60, já no Governo Brezhnev, algumas medidas foram aplicadas com intuito de resgatar os índices econômicos da década passada, mas nenhuma fora pensada em longo prazo e com ideias renovadoras. Dessa forma, o setor produtivo foi abalado, ainda, pela dificuldade de se adaptar ao novo contexto de produção mundial, a Revolução Científico Técnica (RCT).

No início dos anos 70, as dificuldades futuras ainda não eram bem assimiladas. O setor produtivo soviético calcado na produção de petróleo rendeu bons resultados para os índices de crescimento a partir de 1973, ano em que houve a primeira crise energética da década. Neste sentido, houve um mascaramento dos problemas profundos da economia soviética que gozava de bons resultados no âmbito social, político e espacial, mas que, futuramente, reconheceu este momento paradoxal como a “Era da Estagnação”.

Como já dito, os problemas econômico, a priori, não interromperam com a ascensão política da URSS nos anos 70. O Afeganistão, por exemplo, fazia parte da extensão política do Oriente Médio, mantendo relações próximas com a URSS em um contexto de disputa geopolítica da região. Desde os anos 50, quando a monarquia afegã se voltou para a URSS a fim de garantir maior proteção e financiamento para acelerar a consolidação institucional do Estado afegão, o

Afeganistão se viu envolvido na divisão de poder mundial. Como consequência disso, seu território foi palco das disputas do mundo bipolar.

O envolvimento da URSS na política afegã levou a décadas de ingerência política e apoios financeiros, que teriam por objetivo reforçar a presença soviética na região, onde predominava a influência estadunidense (Turquia, Irã – até 1979 – e Paquistão). Mesmo assim, o marxismo-leninismo não era facilmente adaptável ao islã, além de diversos fatores políticos que vieram a desestabilizar a relação entre os países. No momento que esta relação se tornou débil e corria-se o risco de ruptura entre Moscou e Cabul, a URSS promoveu uma ação militar no país, em 1979, que promoveu quase dez anos de presença soviética em solo afegão.

Neste sentido, os problemas econômicos causados pela estagnação acabam influenciando diretamente nas políticas dos anos 80. A intervenção militar no Afeganistão acabou potencializando os problemas econômicos, ao passo que, também, levou a deterioração política da URSS, fazendo com que o país se isolasse cada vez mais no cenário internacional.

A partir disso, este trabalho discorrerá sobre estes dois eventos da história soviética com o objetivo de ligá-los aos eventos sistêmicos que causaram o fim da URSS. Sendo assim, trabalharemos primeiramente com a “Era Brezhnev” e, posteriormente, assimilaremos a relação Afegão-Soviética com os problemas econômicos dos anos 80 para, por fim, investigar a confluência desses fatores com a queda da URSS em 1991.

1.1 PROBLEMA

A intervenção no Afeganistão e a estagnação econômica dos anos 70 correspondem a processos correlacionados com a queda da URSS?

1.2 HIPÓTESE

A estagnação econômica da década de 70 e a intervenção soviética no Afeganistão criaram um cenário desfavorável para Moscou colaborando para a queda da União Soviética em 1991.

1.3 JUSTIFICATIVA

Compreender como a estagnação dos anos 70 e a intervenção no Afeganistão tiveram relação com o fim da URSS traz para a academia uma perspectiva sistemática da dissolução do país. Estudar estes dois momentos como fatores indissociáveis do processo de dissolução da URSS corrobora para uma análise histórica e abrangente do que viria a ser a dissolução de 1991.

Embora muito se tenha escrito em relação ao fim da URSS e os novos paradigmas relacionados ao mundo pós-Guerra Fria, a contextualização destes momentos carece de estudos mais atuais. Para exemplificar, no Brasil, por ideologia ou desinteresse, poucos acadêmicos se dedicam a estudos relacionados à URSS, o que prejudica na contribuição da academia brasileira em pesquisas internacionais.

A falta de estudos sobre a URSS, no Brasil, é evidenciada no desconhecimento da população e demais setores da sociedade como empresários e comerciantes. Este desconhecimento, por exemplo, prejudica na compreensão histórica dos países que compunham a mesma, em especial, a Rússia, país que atualmente busca aumentar o intercâmbio comercial com o Brasil. Antigamente, a falta de conhecimento sobre estes países se dava devido à distância geográfica e a noção de que, por sua localização, a agenda de política externa ou os objetivos de comércio entre os mesmos não convergiam. Agora, com o mundo cada vez mais interdependente, o conhecimento sobre a história e desenvolvimento do país/região em questão ajuda na formação de políticas estratégicas de ordem econômica, social e cultural.

Desta forma, estudar os porquês do fim da URSS, a partir destes dois momentos, se torna relevante à medida que o tema é tão pouco analisado dentro da academia brasileira. Sendo assim, novas pesquisas podem dar luz a perspectivas que estão fora do *mainstream* das Relações Internacionais e incentivar o aprimoramento de pesquisas sobre o tema.

1.4 OBJETIVO GERAL

Investigar a influência da estagnação econômica da era Brezhnev (1964-1982) e a intervenção no Afeganistão (1979 – 1989) no declínio e, conseqüente, dissolução da União Soviética em 1991.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Investigar as causas da estagnação econômica na era Brezhnev.
2. Compreender as razões da Guerra no Afeganistão.
3. Compreender a relação entre a estagnação econômica e o envolvimento soviético no Afeganistão.
4. Compreender como a eventual relação entre a estagnação econômica e a intervenção soviética no Afeganistão influenciou na queda da URSS.

1.6 METODOLOGIA

O método utilizado na condução desta pesquisa será essencialmente qualitativo-histórico. Serão analisados os desdobramentos de dois momentos na história soviética com a finalidade de identificar possíveis ligações com o término do regime socialista. O confronto literário será importante para compreendermos o desenvolvimento e a transição destes momentos do ponto de vista histórico e das relações de poder. O estudo poderá se estender para a análise de fontes terciárias (sites e revistas), mas em sua grande maioria, a pesquisa disporá de fontes secundárias (bibliográficas), tendo como base a obra *A History of Modern Russia - from Tsarism to the twenty-first century*, de Robert Service.

Para identificar os fatores que conjecturam a estagnação da década de 70 com a intervenção soviética no Afeganistão serão utilizadas bibliografias que retratam os desdobramentos político-econômicos da época. O livro *Oil and World Power*, de Peter R. Odell, e a obra *Petrostate*, de Marshall I. Goldman, serão requisitados na comparação da faceta econômica - baseada no petróleo -, a fim de estabelecer uma ligação entre a estagnação econômica e a produção petroleira.

Do ponto de vista político-histórico serão utilizadas bibliografias que demonstram a condução das políticas internas e externas da URSS. O livro "Os Russos", de Angelo Segrillo, além de contemplar a parte histórica da URSS, traz uma série de eventos paralelos à situação econômica que são pertinentes à pesquisa. As obras *Modern Afghanistan – A History of Struggle and Survival*, de Amin Saikal, e *A Brief History of Afghanistan*, de Shaista Wahab e Barry

Youngerman, trarão para a pesquisa as consequências internas para a URSS em detrimento ao deslocamento de tropas ao Afeganistão em 1979.

Portanto, o método proposto para esta pesquisa utilizará fontes secundárias e terciárias, que demonstram as particularidades da época e o contexto que foram submetidas, desenvolvendo uma pesquisa histórica entre as décadas de 70 e 90.

2. EMBASAMENTO TEÓRICO

Os anos que antecedem o fim da URSS correspondem à época das mudanças mais duras que o Estado teve de enfrentar. Os desdobramentos político-econômicos da URSS durante a segunda metade do século XX foram marcados por ingerências dos poderes centrais, mais especificamente, esta época foi marcada por políticas revisionistas que se perpetuaram a partir do governo Khrushchov (SERVICE, 2009). No entanto, parte destas revisões foi parcialmente engavetada, pois o choque com o modelo vigente trazia não só a desconfiança dos burocratas do partido comunista, mas o medo de desconstruir os pilares da URSS. De modo geral, consideramos que as dificuldades burocráticas para aferir problemas político-econômicos e, respectivamente, produzir medidas anticíclicas, podem ser consideradas, parcialmente, como fontes dos processos sistêmicos de desgaste institucional e da retração da economia soviética em relação ao mundo capitalista na década de 70.

A URSS garantiu a sua sobrevivência a partir de medidas pontuais e conservadoras. Com o objetivo de prevalecer o “bom senso” em detrimento das posições ultraconservadoras de outrora, era necessário revisões na política de Estado, haja vista as mudanças de paradigmas da segunda metade do século XX (SERVICE, 2009). O grande ponto de inflexão entre os ideais governistas da URSS pode ser evidenciada nas lideranças de Stalin, Khrushchev e Brezhnev, cujas administrações internas e externas possuíam claras diferenças.

Com uma economia completamente vinculada ao petróleo, a URSS se tornou volátil do ponto de vista econômico e produtivo. A estagnação dos anos 70, neste trabalho, será relacionada de forma direta com a produção petrolífera, bem como os eventos que foram importantes para que o petróleo (produto altamente sensível para

a URSS) mascarasse problemas profundos através de sucessos sociais e políticos (SEGRILLO, 2012). Neste sentido, a perspectiva liberal, matriz teórica que corroborou com a divisão ideológica do mundo, será estudada a partir do conceito da “interdependência” de Robert Keohane e Joseph Nye, e servira de instrumento para estudar a economia do estado soviético em relação às mudanças conjunturais da economia mundial. Esta comparação, mesmo que paradoxal, é importante à medida que exploramos as “sensibilidades” e “vulnerabilidades” da economia soviética, principalmente em relação à produção (KEOHANE, 1989).

Ainda sob a perspectiva econômica e os fatores que levaram ao processo de declínio conjuntural da URSS, a Revolução Científico Técnica (RCT) evidenciou problemas de rigidez no sistema produtivo soviético (SEGRILLO, 2013). Após a Segunda Guerra Mundial, os padrões de produção mundial começaram a mudar de forma sensível e o regime produtivo calcado na produção massiva (fordismo) começou a perder espaço para a eficiência e flexibilidade do sistema Just-in-time (Toyotismo)². Ou seja, a padronização industrial baseada em economias de escala³ e rigidez produtiva, não eram compatíveis com a RCT.

A forma como o setor industrial soviético foi formado, partindo de ações altamente paradoxais para a ideologia socialista, parecia não ter evoluído com o passar dos anos. O modelo fordista foi crucial para que a URSS pudesse obter padrões elevados de crescimento, alcançar os países capitalistas e, posteriormente, ultrapassá-los (SERVICE, 2009). No entanto, a segunda metade do século XX foi composta de mudanças estruturais como a RCT. A difícil interação entre a III Revolução Industrial (RCT) e o setor produtivo soviético mostrou que os anos 60 e, principalmente, os anos 70, trariam não só a estagnação tecnológica e econômica, mas problemas conjunturais que cedo ou tarde entrariam em confronto com os poderes centrais.

A primeira tentativa de adaptação pode ser observada nos anos 60, no Governo Bhrzhnev (1964-1982). A medida proposta pelo primeiro-ministro, Alexander Kosygin, visava estimular a criatividade das empresas e dar maior

² O Toyotismo, embora tenha sido descrito com um dos “paradigmas de especialização flexível” em 1984, por Piore e Sabel, sua gênese remonta a uma série de revisões político-produtivas induzidas na Toyota, empresa japonesa, no fim da Segunda Guerra Mundial.

³ Quanto maior a produção de determinado objeto, menor será o custo marginal de cada unidade extra.

liberdade às mesmas. No entanto, a difícil adaptação com a economia planificada dificultou qualquer interação exitosa em longo prazo (SEGRILLO, 2012).

Cabe ressaltar que, o declínio econômico soviético também era concomitante ao ápice da influência geopolítica e da estabilidade social da União (ARCHER, 2009). A liderança de Brezhnev marca um momento crucial para a URSS. Paradoxalmente à medida que o padrão de vida estava em alta, a economia vivia um dos seus momentos mais baixos. Os índices econômicos caíram abruptamente e as taxas de crescimento que estavam a 7,02% na década de 60 foram para 5,44% em 70 (SEGRILLO, 2012). Esta tendência na redução do crescimento econômico só fora identificada na transição da década de 70 para a década de 80. Em 1979, a URSS alcançou a pior média, chegando a 2,2%, o pior resultado desde 1946 (SEGRILLO, 2012).

Este processo paradoxal, liderado pelo setor petrolífero e os eventos mundiais que influenciaram diretamente no preço da *commodity*, e também, pelas diversas revoluções de cunho socialista no mundo, mascarou os gargalos institucionais da URSS. A Guerra Fria não se tratava unicamente de uma polarização política-ideológica, mas de uma competição internacional de qual modelo poderia fornecer melhores condições em suas respectivas sociedades (SEGRILLO, 2012). Neste sentido, a URSS passou os anos 70 usufruindo das suas conquistas sociais e políticas, ao passo que a economia caminhava para o colapso.

Em 1973, a URSS conseguiu bons resultados na exportação de seu principal produto: o petróleo. O preço do óleo subiu 300% e o mundo experimentou uma grave crise energética (ODELL, 1974). Em 1979, uma nova crise abalou o setor, mas, desta vez, a URSS não conseguiu se valer do cenário mundial. A crise de 1973 ensinou grandes lições ao setor, que teve que se adaptar e diminuir os danos de uma nova crise. Na último evento, no entanto, a economia soviética sofria com a vulnerabilidade de sua economia, altamente enfraquecida pela falta de diversificação na produção e abismos políticos (SERVICE, 2009).

O final dos anos 70 reflete a ineficácia (ou inexistência) de medidas efetivas para a saúde da economia soviética. Neste sentido, com a morte de Brezhnev em 1982, a URSS entra em um processo crítico de reformas econômicas. O curto período em que Yuri Andropov e Konstantin Chernenko estiveram no poder não foi o suficiente para mudanças efetivas nos pilares econômicos. Este trabalho foi dado a

Mikhail Gorbatchev, que assumiu o maior posto da URSS com premissas de corte de gastos, mudanças estruturais na política e na economia soviética (SERVICE, 2009).

Em 1985, ano em que Gorbatchev assume o poder, a situação econômica e política da URSS já estava em um processo bem avançado de degradação. Gorbatchev estava exposto e deveria implementar diversas medidas em várias frentes de trabalho. Um dos maiores problemas era a Guerra no Afeganistão, cuja ação exauria tanto os cofres públicos como a imagem política na União.

A intervenção que iniciou em 1979, e carregava consigo discursos ideológicos e econômicos da Guerra Fria, ao passo que também se configurava um bom argumento geopolítico, haja vista a presença estadunidense na região, como no Paquistão, Turquia e Irã (até a Revolução Islâmica) (SAIKAL, 2010).

As ingerências em território afegão seguiam uma agenda contínua de interesses entre os dois países. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a presença britânica na região diminuiu consideravelmente, ocasionando em um vácuo de poder no Afeganistão (DONOHUE; ESPOSITO, 2007). Neste sentido, a busca por parceiros comerciais e financeiros levou o país a uma política pendular nos anos 50, o que garantiu certa atenção das potências da época.

Não demorou muito para que a forte influência do capital soviético ingerisse na política afegã. Os EUA, envolvidos na Guerra do Vietnã, desenvolveram poucas barreiras para os soviéticos que, na década de 70, lograram uma forte aliança com os poderes locais (MISHALI-HAM, 2008). Este jogo de interesses fazia parte da expansão política soviética, uma vez que a URSS usufruía do seu melhor momento político.

Embora a influência financeira e política no Afeganistão fosse, de fato, uma extensão do poder soviético, a manutenção desta relação foi altamente volátil. O marxismo-leninismo não era facilmente adaptável ao islamismo (SAIKAL, 2004). Ou seja, a hegemonia soviética na política afegã partiu de ingerências diretas de Moscou no país, e não necessariamente de um sincretismo cultural. No momento que esta ligação foi interrompida por golpes, desalinhamentos e indícios de guerra civil, a intervenção armada foi cogitada.

A URSS não poderia se desligar facilmente do Afeganistão. Os laços desenvolvidos por décadas através de financiamentos, investimentos diretos e

influência política não eram descartáveis, inclusive pelo tratado de amizade assinado pelos dois países, em 1978 (MISHALI-HAM, 2008). A possibilidade de o Afeganistão voltar ao vácuo de poder significaria entregá-lo ao ocidente. Neste sentido, relacionamos este comportamento a partir das relações puramente estatais, que envolvem poder e prevenção do potencial adquirido. O “pessimismo preventivo” – muito usado no estudo do Realismo Clássico de Nicolau Maquiavel – reflete-se como um conceito inercial às relações entre Estados (MORGENTHAU, 2003). Este conceito pode ser observado em diversos acontecimentos que englobam poder na arena internacional, principalmente durante a Guerra Fria.

Em consonância a inércia das relações estatais à busca pelo poder, o evento político-militar no Afeganistão pode ser compreendido, também, pela visão waltziana. A obra “Teoria da Política Internacional”, de Kenneth Waltz remonta ao ano de 1979, e foi fundamentada a partir de seu livro (e tese de doutorado) “Man, the State and War”. A publicação da obra coincide com o ano da intervenção soviética no Afeganistão, e é conhecida por ser a base teórica do Neorealismo. Waltz (1979) desenvolve conceitos sistêmicos, e teoriza que a estrutura vigente condiciona as ações entre os Estados. Sendo assim, a natureza da intervenção soviética poderia estar ligada ao princípio ordenador da anarquia e da busca de maximização do poder do Estado, uma vez que os organismos internacionais ainda não possuíam poder suficiente para ingerir em conflitos envolvendo potências e a busca pelo poder (ou manutenção do poder) era vital para política da época.

Os anos que antecedem a queda da URSS são marcados por crises políticas e econômicas. Cada uma delas estava relacionada com determinados problemas de ordem externa ou interna, que ocasionaram em efeitos sistêmicos e/ou corroborativos. Neste trabalho, a intervenção no Afeganistão e a estagnação dos anos 70 são expostas como eventos que, a partir de 1979 (ano da intervenção militar) passam a operar sobre o mesmo processo, somando déficits políticos e econômicos no final dos anos 80.

Portanto, neste trabalho, serão estudados estes dois momentos e sua relevância para a queda da URSS em detrimento de demais eventos que possam ter colaborado para o fim da União. Desse modo, trabalharemos com intuito de desvendar situações e causalidades dentro da ótica da intervenção militar (e política)

e a contínua decaída econômica, respondendo assim, se os mesmos estão correlacionados com a queda da URSS, em 1991.

3. A ERA BREZHNEV E A ESTAGNAÇÃO DOS ANOS 70

A Era Brezhnev corresponde ao período de 1964 a 1982 e é conhecida, também, como a “Era da estagnação”. Dessa forma, este capítulo abordará os acontecimentos que tornaram este período um dos mais paradoxais da história soviética, no que tange a economia e o bem-estar social. Serão resgatados, também, os antecedentes deste momento até entrada de Gorbachev no poder da URSS.

3.1 ANTECEDENTES

Os anos 70, para a URSS, representaram o momento no qual o país começou a sentir os primeiros efeitos da falta de ação dos governos no que tange às medidas necessárias para a saúde da economia soviética. As mudanças engavetadas, por exemplo, no governo de Joseph Stalin (1924-1953), começaram a fazer falta no início dos anos 70, causando a decaída sistêmica da economia soviética. Este governo é historicamente conhecido pela rigidez de suas políticas e por ser inflexível diante da necessidade de mudanças conjunturais, principalmente de caráter econômico.

Com a morte de Stalin (1953), a falta de identidade causada dentro do partido comunista instaurou certo relaxamento no sistema soviético (SEGRILLO, 2012). O evento, mesmo que mal comparado, lembra a iniciativa pós-Perestróica (4ª-fase) ⁴, pois o grau de insatisfação das ações de Stalin e a necessidade de mudar os rumos da revolução fizeram com que a URSS elaborasse novas medidas econômicas. A Perestróica (ver mais na página 55), por sua vez, está relacionada ao final do processo, ou seja, o momento onde reformas drásticas eram necessárias e a condução político-econômica de outrora já não era possível.

Em meio ao fervor estabelecido pela morte do então dirigente da URSS, o país iniciou o processo de desestalinização, cujas consequências atingiram não só o

⁴ Esta comparação é feita a partir da ambivalência política da URSS, uma vez que a 4ª fase da Perestróica, para Segrillo (2012, p.238), corresponde à fase da “desintegração e restauração capitalista” (1990-91).

âmbito doméstico da URSS, mas toda a sua zona de influência. Desse modo, o socialismo, no campo das ideias, começou a crescer sobre duas vertentes. A primeira era fomentada dentro da doutrina stalinista, cujas bases foram aplicadas, por exemplo, na China, onde se fomentava a ideia de zelar pela revolução socialista construída por Stalin. A segunda, um aspecto mais flexível, enxergava nas ações de Nikita Khrushchev (1955-1964), sucessor de Stalin, as reformas políticas necessárias para a época.

Khrushchev, no entanto, mais que liderou a URSS. Ele traçou os rumos que o país teria nos próximos 20 anos de política externa, resgatando a ideia de cooperação em meio ao conflito ideológico da Guerra Fria. A ideia de desestalinização só veio à tona em 1959, quando Khrushchev visitou os EUA.

Ele afirmou que os países socialistas e capitalistas deveriam deixar de lado a competição militar entre eles e concentrarem-se numa competição pacífica, econômica, de qual dos dois sistemas (capitalismo ou socialismo) pode dar a seus cidadãos melhores condições de vida. (SEGRILLO, 2012, p.220)

O discurso agradou o ocidente, mostrando que era possível e necessário findar com a “corrida armamentista” travada entre os blocos (ARCHER, 2009). No entanto, como já citado, a vertente que podemos considerar como Socialismo Ortodoxo de Stalin⁵ (muito praticado na China) criticava cada vez mais as ações de Khrushchev, considerando as vias do discurso como uma traição ao sonho comunista, o que trouxe consequências diretas dentro do bloco e causou o rompimento da aliança sino-soviética.

Mesmo que Khrushchev estivesse tentando, aparentemente, corrigir os erros de percurso de Stalin, pode-se eleger como um dos seus maiores equívocos a associação da imagem de Stalin com a de um criminoso. Khrushchev não considerou o teor de suas atitudes e a magnitude de suas afirmações. O racha

⁵ Entende-se por Socialismo Ortodoxo a prática de não intervenção nos pilares ideológicos e modelos vigentes. Este conceito foi opositor, por exemplo, do socialismo praticado na Iugoslávia. Neste período não havia qualquer disponibilidade para discutir reformas ou adaptações do regime socialista ao modelo capitalista ocidental. Stalin era conhecido por manter um vínculo forte – mas também controverso – ao socialismo idealizado na gênese na URSS, o que dificultou qualquer adesão do mandatário a novas ideias de governo. Na China, por exemplo, esta prática pode ser demonstrada no desconforto de seus líderes com a aproximação do Nikita Khrushchev com os EUA e a ampliação de ideais revisionistas.

dentro do governo foi grande. Ele sobreviveu ao poder e a tentativa de golpe em 1957, um ano após seu discurso no XX Congresso do PCUS⁶, mas não conseguiu evitar o de 1964, uma vez que o desgaste político fora deveras grande. Além disso, ele foi acusado de intervir erradamente na indústria e, pior ainda, na agricultura, além de ter trocado o culto a Stalin pelo o culto a Khrushchev (SERVICE, 2009).

Após a deposição de Khrushchev, a “figura de Stalin foi parcialmente reabilitada” (SEGRILLO, 2012, p.227). A ideia era considerar as ações de Stalin como essenciais para a sobrevivência do socialismo e da URSS trazendo maior harmonia entre as partes dissidentes. Notavelmente, houve claras diferenças na condução política da URSS na figura dos três últimos chefes de Estado, o que seguia a tendência das épocas que os mesmos estavam no poder. Stalin era conhecido pelo seu complexo de desconfiança, era um líder militar que carregava consigo grandes acusações de tortura e violência. Suas ações foram estabelecidas de forma dura em um contexto global de dificuldades. Nikita Khrushchev, por sua vez, possuía origem militar e é até hoje considerado um grande general soviético. No entanto, diferente do seu antecessor, ele clamou pela ordem a partir de um discurso propositivo durante um dos períodos mais delicados da competição entre Socialismo e Capitalismo.

Diferente dos seus antecessores, Brezhnev pôde aprender com os erros do passado e praticar uma política pendular entre os socialistas da época (mesmo sem grandes efeitos na China). Na busca por exaltar as conquistas de Stalin, mas não deixar passar os seus erros da condução política da URSS, Brezhnev adquiriu uma imagem dúbia. Ele foi um misto da dureza de Stalin com a pseudoliberalidade do governo Khrushchev. No entanto, o seu governo foi marcado por questões paradoxais no âmbito econômico, isso porque embora os padrões de vida estivessem em alta, a economia soviética caía a cada ano. Segrillo (2012, p.231) explica que o motivo para tais paradoxos esteve na crise do petróleo da década de 70, além de matérias-primas e armas cujo comércio era realizado com dólares americanos, o que mascarou, na época, todo o sistema econômico falido do país, criando margens para problemas futuros.

⁶ Ver a carta na íntegra: KRUSHCHEV, Nikita. **Informe Secreto al XX Congreso del PCUS**. 2006. Transcrição e HTML: Juan R. Fajardo. Disponível em: <<https://www.marxists.org/espanol/khrushchev/1956/febrero25.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

Desta forma, a seguir, abordaremos os paradoxos do período em que Brezhnev esteve no poder.

3.2 GOVERNO BREZHNEV (1964-1982)

A entrada de Leonid Brezhnev no poder chamou a atenção dos espectadores internacionais (mídia, acadêmicos, governos, etc.). Embora o golpe contra Khrushchev pudesse ser previsto, devido ao desconforto que o mesmo trouxera para o partido, a escolha por seu nome parece ter seguido uma decisão pragmática do Comitê Central. Segundo Archer (2009, p.213, tradução nossa), Brezhnev era “o homem que ninguém acreditava que seria destinado para assumir o posto político mais alto da União Soviética”⁷. Diferente desta afirmação, Segrillo (2012, p.227) coloca que “logo ficou claro que Brezhnev era a figura forte do novo regime”. O fato é que, após a tríade formada para eleger o novo líder soviético, o *curriculum* de Brezhnev chamou a atenção, uma vez que estava vinculado ao partido comunista desde 1932, subindo de cargo e atuando na Segunda Guerra Mundial como comissário no sul da Ucrânia (ARCHER, 2009). Ou seja, um representante leal do partido comunista.

No plano político, Brezhnev não fora bombástico ou provocativo como seu antecessor, Nikita Krushchev. Ele conseguiu manter as boas relações (*détente*⁸), com os Estados Unidos até 1979, data relativa à intervenção soviética no Afeganistão. No entanto, antes disso, não hesitou em “defender” as áreas de interesse da União Soviética, como nos episódios envolvendo a Checoslováquia⁹, em 1968, o que não trouxe maiores prejuízos para a relação bilateral entre os países. Segundo Service (2009, p.388, tradução nossa) “os EUA garantiram à URSS que a invasão da Checoslováquia não causaria uma guerra mundial e que a repulsa política ocidental não ficaria no caminho das negociações entre as superpotências”

⁷ “Leonid Brezhnev, a man no one had believed destined to assume the highest political position in the Soviet Union”.

⁸ *Détente*, em Russo, *razryadk*, corresponde ao período ao qual União Soviética e Estados Unidos mantiveram relações cordiais diante do cenário bipolar da Guerra Fria.

⁹ A invasão da Checoslováquia está relacionada com a chamada Doutrina Brezhnev e o Pacto de Varsóvia que, segundo Service (2009, p.387, tradução nossa): “A Doutrina Brezhnev foi imposta, e sobre qualquer ameaça ao socialismo em qualquer país do Pacto, os outros países membros teriam o direito e o dever de intervir militarmente”.

¹⁰. No entanto, para a URSS, a situação causou um desgaste ainda maior com o movimento comunista mundial. Uma vez chamada de “centro do revisionismo moderno¹¹” (SERVICE, 2009, p.388, tradução nossa), a URSS observou a sua reconciliação com a China ficar cada vez mais distante, mais precisamente, postergou a reconciliação para 1989, momento em que Gorbachev visitou o país.

O mandato de Brezhnev fora marcado pelo bem-estar social e avanços tecnológico, haja vista as conquistas no âmbito de produção industrial e espacial. Além disso, o discurso de Khrushchev de que a União Soviética e os Estados Unidos deveriam interromper a corrida armamentista ajudou Brezhnev na condução da agenda de política externa e trouxe bons resultados no plano geopolítico soviético.

À medida que a indústria crescia, os gastos militares tenderiam a baixar¹², fazendo com que a população pudesse desfrutar de maior bem-estar. No entanto, entende-se que os paradoxos da economia soviética foram acrescidos devido a políticas de “tapa buraco”, pois à medida que o país atinge seu maior nível de influência geopolítica e tecnológica¹³ de sua história, os índices já não eram tão animadores como nas décadas passadas. Assim, com taxas de crescimento cada vez mais baixas, a URSS caminha para novas iniciativas no campo econômico. Segundo Angelo Segrillo:

Em meados dos anos 1960, já se notava que os índices de crescimento da URSS, apesar de ainda altos (por volta de 6% ou 7% ao ano), já não eram como os dos anos de “milagre” de crescimento acima de 10% ao ano das décadas anteriores. Além disso, apesar do país ter uma base industrial forte, a qualidade dos produtos deixa a desejar. No planejamento, era priorizada a quantidade em detrimento da qualidade (...) (SEGRILLO, 2012, p.230)

Dessa forma, ainda nos anos 60, Alexei Kosygin¹⁴, administrador e primeiro-ministro soviético, propôs medidas antiburocráticas, a fim de incentivar os empresários individualmente e dar relativa autonomia as empresas. Para a época a

¹⁰ “The USA assured the USSR that the invasion of Czechoslovakia would not cause a world war and that Western political revulsion would not get in the way of negotiations between the superpowers.”

¹¹ Centre of modern revisionism

¹² Embora os gastos tendessem a cair, as tabelas 3 e 3.1 comparam diferentes opiniões sobre os gastos militares e o seu peso na economia soviética, que será tratado no capítulo 4.

¹³ O ápice destes avanços será notado durante os anos 70, devido às várias revoluções de cunho socialista no 3º mundo e as conquistas da corrida espacial.

¹⁴ Alexei Kosygin foi um dos membros que compuseram a *Troika* de 1964, com Anastas Mikoyan e Leonid Brezhnev.

medida foi bastante radical. Em seu início, pôde-se notar alguma melhora na economia soviética, mas que não se manteve até os anos 70. A medida proposta por Kosygin criou algumas dificuldades na administração, causada pelo o que era considerada a sua maior virtude, a autonomia concebida pelo Estado. Portanto, esta medida, por vezes, entrava em desacordo com os poderes centrais criando problemas de ordem política, uma vez que o regime soviético era composto por um forte poder central (SEGRILLO, 2012). Mesmo assim, segundo Robert Service:

Em 1970, apesar dos problemas de crescimento, a União Soviética era uma entidade estável e tratada pelo resto do mundo como um personagem permanente no cenário internacional. Estadistas, estudiosos e comentaristas reconheciam que as forças armadas soviéticas e sua militância política eram grandes demais para serem ignorados. A URSS tinha quase a mesma força militar que os Estados Unidos, e a economia soviética a segunda maior capacidade industrial do mundo, já produzindo mais aço, petróleo, ferro-gusa, cimento e até tratores, que qualquer outro país¹⁵. (SERVICE, 2012, p.397, tradução nossa)

Devido a estes paradoxos, muitos autores possuem divergências ao comentar sobre a Era Brezhnev. Dependendo do viés ou objeto de estudo, os pesquisadores da área tendem a enquadrar o momento a partir de diferentes aspectos, haja vista, também, a dificuldade de estabelecer um estudo que abarque todos os pormenores da época. Robert Service (2009), por exemplo, trata a época como “Era da Estabilização¹⁶”, uma vez que trata dos problemas políticos enfrentados pelos poderes centrais. Angelo Segrillo (2012) aborda as medidas controversas e a comparação das taxas de crescimento da economia soviética, relacionando o período como a “Era da Estagnação”. Assim como Segrillo, Abraham Archer (2009) nomeia o este momento como “Era da Estagnação¹⁷”, mostrando como algumas ações de Brezhnev - de extrema irresponsabilidade - formaram um cenário favorável para o enfraquecimento geral do país.

Mesmo com os profundos problemas econômicos, em 1977, Brezhnev adota uma nova constituição para o país. Esta constituição substituiu a stalinista de 1936.

¹⁵ But back in 1970, despite its growing problems, the Soviet Union was still a stable entity and treated by the rest of the world as a permanent feature of the international landscape. Statesmen, scholars and commentators took it for granted that soviet armed strength and political militancy were too great to be ignored. The USSR had nearly reached military parity with United States, and Soviet economy had the world's second greatest industrial capacity and already produced more steel, oil, pig-iron, cement and even tractors than any other country.

¹⁶ Stabilization Era

¹⁷ Era of Stagnation

Para Brezhnev, a URSS estava entrando em um novo estágio, o “Socialismo Desenvolvido” ¹⁸ e, sendo assim, necessitava de medidas novas e maduras para a condução da URSS (SERVICE, 2009). Em comparação, os soviéticos acreditavam que, a China, por exemplo, não estava no mesmo patamar de igualdade, pois ela “estaria ainda dando seus primeiros passos para a construção socialista” (SEGRILLO, 2012, p.233). Neste sentido, segundo Segrillo:

Abandonavam, assim, os arroubos de Khrushchev de ‘atingir o comunismo em vinte anos’. Se a constituição de 1936 dizia que a URSS tinha então, já deixado para trás capitalismo e ingressado na fase inicial do socialismo, a constituição de 1977 deixava claro que o socialismo na URSS já estava amadurecido e, um dia, chegaria ao comunismo pleno (mas não determinava um prazo para isso). (SEGRILLO, 2012, p.233)

Com fatores prós e contras, a alta cúpula do governo soviético manteve suas políticas austeras. De certa forma, o paradoxo econômico que o país vivia levou o mesmo ao relaxamento das medidas econômicas. Os dilemas enfrentados pela URSS na década de 80 muito se relaciona com a falta de percepção dos seus governantes que, mais cedo ou mais tarde, teriam que enfrentar problemas econômicos bem mais profundos. A média de crescimento da URSS na década de 70 era de 5,44% ao ano, na década de 80 era de 3,07% (SERVICE, 2009). Se a condução das políticas na década de 70 levou a uma má compreensão dos fatores econômicos, a década de 80 fora marcada pela tentativa de sanar os débitos deixados pelo relaxamento dos anos passados.

Relacionaremos, agora, alguns pontos importantes para a compreensão das ações políticas da URSS para o mundo sob a visão neoliberal.

3.3 A URSS E A (INTER)DEPENDÊNCIA

Dotada de uma economia fechada e planificada, as ações da URSS partiam de certa ambivalência do sistema econômico. Ao mesmo tempo em que havia barreiras para o capital internacional, o Estado também participava da ótica mercantil do comércio internacional. No período considerado como revisionista, a

¹⁸ Developed Socialism: expressão utilizada por Robert Service no vigésimo capítulo do livro “A history of modern Russia”.

URSS considerou modificações a fim de projetar a sua produção em nível mundial. Segundo Segrillo (2013, p.99 apud. KENNEDY, 1966, p.101):

Ao adentrar a década de 60, o clima era de otimismo no campo soviético. A URSS tinha alcançado o 2º PNB do mundo e lançara o primeiro satélite e o primeiro astronauta ao espaço, tinha criado uma base científica e educacional que, posteriormente, levaria o presidente Kennedy, dos EUA, em clima de apreensão e competição, a rever as bases do seu próprio sistema educacional. (SEGRILLO, 2013, p.99 apud. KENNEDY, 1966, p.101)

Sendo assim, o otimismo que pairava na URSS e em seus líderes não era totalmente descabido naquela época. O que não poderia se prever naquele momento era que a crença no modelo soviético para Revolução Científico Técnica (RCT), na verdade, trazia diversas contradições fundamentais no que tange a flexibilidade, informação e qualidade dos produtos.

O modelo Fordista adotado pela URSS e seu caráter rígido (pouco flexível) foi logo ultrapassado pelo modelo Toyotista, que prevê uma produção em escalas menores, visando uma maior harmonia entre os pilares da RCT (flexibilidade, informação e qualidade).

Com fora tratado no início deste capítulo, a chegada de Leonid Brezhnev ao poder promoveu algumas mudanças na questão produtiva. As reformas econômicas implementadas por Alexei Kosygin, no entanto, não surtiram o efeito desejado, ocasionando choques entre empresas e os poderes centrais. A falta de liberdade e rigidez da economia planificada dificultou a elaboração e aplicação de novas ideias. Aliado isso, citamos a produção petroleira, que também se demonstrou um fator ambivalente na economia soviética, e que será abordado ainda neste capítulo.

Sendo assim, o novo paradigma produtivo se torna um aliado do ocidente e, sobretudo, do capitalismo. Este novo modelo fora desenvolvido não só entre as cadeias produtivas mundiais de forma física, mas ideológica, o que corresponde a contextos particulares (e às vezes regionais).

O Neoliberalismo, corrente formada a partir dos preceitos Liberais, nasce no momento de Guerra Fria e ajuda a esclarecer ações entre Estados dentro de seus contextos específicos (SLAUGHTER, 2011). O Neoliberalismo parte do princípio de que os Estados ainda são os principais atores das relações internacionais, mas, também, considera que o mundo moderno não pode ser caracterizado somente pelo

caos, por que o sistema internacional segue algum grau de ordenamento, caracterizado pelas instituições internacionais. (SARFATI, 2005). Segundo Keohane:

[...] para compreendermos o mundo moderno, devemos manter em mente os conceitos de descentralização e institucionalização. A institucionalização é definida como regras estabelecidas, normas, convenções, reconhecimento diplomática, governados por entendimentos formais ou não formais. A anarquia descrita como característica central do sistema internacional não pode ser entendida de forma isolada, pois grande parte do comportamento dos Estados é ditada pelo grau de institucionalização no relacionamento entre eles. (KEOHANE, 1989, p. 1)

A partir desta visão, mesmo que a teoria neoliberal assuma o Estado como ator principal das relações internacionais, as presenças das instituições reguladoras em nível mundial evidenciam sua relevância no mundo contemporâneo. Sendo assim, o nível de cooperação entre os Estados pode ser medido com o grau de institucionalização dos mesmos.

De certa forma, União Soviética e Estados Unidos tiveram dificuldades em estabelecer um modelo paritário de cooperação. Embora os dois países mantivessem o fluxo de informações constante, o monitoramento dos compromissos e a expectativa da solidez dos acordos (SARFATI, 2005), a questão ideológica e de interesses formaram cenários problemáticos para a formação de pactos internacionais.

Durante o governo Brezhnev (1964-1982), os interesses estadunidenses com os soviéticos, basicamente, eram em relação à balança de poder mundial. Se analisarmos os dois Estados sob a ótica do interesse comum, veremos que ambos estavam dispostos a cooperar a fim de estabilizar problemas de ordem global. Os acordos relacionados aos armamentos nucleares como Salt-1, em 1972, e Salt-2, em 1979, demonstram a necessidade de cooperação entre os Estados. Embora o nível de institucionalização dos mesmos seja diferente, a ideia era definir linhas de cooperação entre Estados então divergentes.

Segundo Keohane (1989), pode-se medir o grau de institucionalização entre os Estados através das dimensões de seus acordos. Mesmo que os Estados desejem cooperar, questões como poder e interdependência podem fazer a diferença na política internacional. Sendo assim, a dependência dos Estados dentro do sistema internacional é dada por forças externas, enquanto que a

interdependência se relaciona de forma recíproca entre Estados e demais atores internacionais de dependência compartilhada.

Diferente da visão realista, no neoliberalismo a fonte do poder não está somente na questão militar (*hard power*), mas na habilidade de induzir um ator a determinada situação a ponto de controlar os resultados finais. Segundo Raimundo dos Santos Junior, este conceito caracteriza a interdependência, que “analisada como fonte de poder, é entendida como controle de recursos ou potencial para afetar resultados” (SANTOS, 2011, p.210), ou seja, sanções econômicas, diplomacia, poder negocial, entre outros. Dessa forma, segundo Keohane (1989, p.13) há dois conceitos distintos que auxiliam nesta análise, a sensibilidade e a vulnerabilidade do Estado.

A *Sensibilidade* “diz respeito ao grau de resposta a uma política: quão rápido um país traz mudanças custosas aos outros e quão grandes são estes custos.” (SARFATI, 2005, p.164). Por sua vez, a *Vulnerabilidade* versa sobre “à disponibilidade e ao custo das alternativas diante da situação de interdependência” (SARFATI, 2005, p.165).

Neste contexto, a URSS desenvolveu a *Sensibilidade* da sua economia por meio da falta de recursos para responder as adversidades e da rápida repercussão das mudanças globais na política econômica da URSS, como na queda do preço do petróleo (dependência da commodity) e na mudança dos padrões de produtivos (RCT). Por sua vez, a *Vulnerabilidade* do Estado correspondia às dificuldades em aplicar contramedidas para reverter estes fenômenos negativos, se sujeitando a custos impostos por eventos externos e corroborando para o agravamento da crise na década de 80.

Mesmo assim, a URSS conseguiu gozar de bons resultados na arena internacional quando se posicionou como fonte de poder (interdependência assimétrica) diante dos demais países carentes de petróleo nos anos 70, uma vez que país possuía parte do controle mundial dos recursos, usufruindo assim, de instrumentos para a mudança dos resultados internacionais.

A partir disso, e devido à primeira crise mundial do petróleo, muitos países que eram sensíveis às mudanças de preços procuram novas alternativas para sanar os problemas internos. Esta busca levou a descoberta de novas áreas potenciais para extração de petróleo e a vulnerabilidade internacional diminuiu

consideravelmente nos anos 80¹⁹, fazendo que a URSS perdesse espaço e poder na arena internacional.

A partir disso, analisaremos como fora a produção petroleira e qual sua contribuição para a URSS e a crise econômica.

3.4 A QUESTÃO PETROLÍFERA

A União Soviética, por vocação, sempre fora um grande produtor e exportador de matérias-primas oriundas do petróleo. Seus recursos energéticos eram tão abundantes que chamaram a atenção de Hitler durante a Segunda Guerra Mundial. As investidas do Terceiro Reich em solo soviético seguiam orientações pragmáticas, onde uma das prioridades era a captura dos campos petrolíferos de Baku (GOLDMAN, 2010).

A difícil missão de Hitler de atingir os campos petrolíferos da URSS acabou evidenciando a sua própria ruína. A falha neste processo dirigiu as tropas de Hitler para os campos do Cáucaso, entrando em confronto com a cidade de Estalingrado²⁰. Após esta batalha, o fronte oriental de Hitler, praticamente, só conhecera a derrota, vindo a sucumbir para as tropas soviéticas em 1945.

O fato é que, o petróleo fora um recurso importante para a geopolítica da Eurásia durante o século XX. Mais do que isso, durante a segunda metade do século ele se manteve como o recurso energético mais cobiçado no mundo. Embora se falasse muito na “Revolução Técnico-científica”²¹, o modelo energético mundial não havia mudado, ou seja, os derivados de petróleo ainda eram maioria neste processo. Mesmo com a queda de 30% na produção petroleira entre 1940 e 1946 (GOLDMAN, 2010), a URSS usou o petróleo como fomentador do seu crescimento e “carro chefe” do desenvolvimento do país durante a segunda metade do século XX.

¹⁹ Um exemplo de política voltada à proteção nacional da volatilidade do preço do petróleo foi o programa PROÁLCOOL do Brasil. Em 1975, financiado pelo Brasil e que visando estancar os problemas oriundos da crise de 1973, o programa tinha por objetivo mudar o padrão energético brasileiro de combustíveis veiculares em larga escala, protegendo o Brasil de futuras crises envolvendo a commodity, como ocorreu, novamente, em 1979.

²⁰ Atual cidade de Volgogrado, na Rússia.

²¹ A “Revolução Técnico-científica”, também conhecida como “Terceira Revolução Industrial”, é relativa à segunda metade do século XX, cujo desenvolvimento da robótica e tecnologia de ponta obtiveram grandes avanços na engenharia moderna. Esta fase foi usada como divisor entre os sucessos do mundo capitalista e socialista.

A produção em certos momentos quase que dobrava a cada cinco anos. Em 1960, a produção chegou ao patamar de 2943 barris/dia, enquanto em 1965 chegou a produzir 4858 barris ao dia (GOLDMAN, 2010). Para um país que teve o seu complexo de extração parcialmente destruído durante a Segunda Guerra Mundial, a produção continuava a crescer a níveis altíssimos, produzindo mais que a Arábia Saudita até o rompimento em 1991, e ultrapassando os Estados Unidos em 1976 (GOLDMAN, 2010).

A média de produção após o conflito crescia não só devido à questão lucrativa do petróleo, mas, também, por questões domésticas, uma vez que além de exportar muito óleo, a URSS consumia parte do mesmo, visto o fomento em outras áreas industriais como, por exemplo, o complexo militar soviético, que vivia o momento oportuno da “corrida armamentista”²². Segundo Peter Odell:

Desde o início da década de 1950, os aumentos da produção do petróleo e do gás e uma crescente contribuição destes dois combustíveis para o total da economia baseada em energia prosseguiram rapidamente até que, 1973, eram eles responsáveis por mais de 60 por cento da quantidade total de energia usada na União Soviética. (ODELL, 1974, p.49)

Devido a este crescimento industrial, a produção dos anos 60, que fora em torno de 5000 barris/dia, representou quase a metade da média dos anos 70, que atingiu o número de 9546,3 barris/dia (GOLDMAN, 2010).

Logicamente, estes números são referentes a momentos distintos da história soviética, onde as particularidades de cada situação devem ilustrar o contexto da época. Por exemplo, a produção entre os anos de 60 e 70, se for analisada sem o contexto histórico, poderá corroborar com a ideia de que a URSS vivia o seu melhor momento econômico, o que é uma inverdade.

De certa forma, a comparação entre estas duas décadas leva ao pensamento imediato de que, os anos 70 remontam a época em que a URSS adquiriu seus melhores níveis de influência mundial. O país era o maior produtor mundial de petróleo, tentou resgatar as relações bilaterais com a China (mesmo sem muito sucesso) e deu fim a corrida espacial com os Estados Unidos, além de contribuir para os acordos do projeto Salt. No entanto, os anos 70 também correspondem à época em que o mundo sofreu com duas crises no sistema energético, a primeira em 1973 e, posteriormente, em 1979.

²² O termo “Corrida Armamentista” foi usado para evidenciar a competição e o balanço de poder entre Estados Unidos e União Soviética.

Em 1973, em retaliação ao apoio estadunidense a Israel na Guerra de Yom Kippur²³, os países árabes membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) aumentaram o preço do barril de petróleo, o que gerou uma busca mundial por outras fontes de energia²⁴. Para Raimundo Batista dos Santos Junior:

“A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), por exemplo, criada em 1960, desafiou o poder dos Estados mais fortes. Depois da Guerra Árabe –Israelense de 1973, os países árabes levaram avante um boicote ao fornecimento de petróleo aos EUA e às demais nações que apoiaram Israel no conflito do Oriente Médio.”(SANTOS, 2011, p.210)

Como o modelo energético ainda era baseado no petróleo e seus derivados houve uma enorme dificuldade dos países importadores em criar uma saída rápida para a crise. A partir disso, a União Soviética pôde gozar de bons preços e demanda no início da década.

O preço relativo ao barril de petróleo no final dos anos 60 estava cotado em US\$ 9,63 (GOLDMAN 2010). No início dos anos 70, depois de uma leve queda, o preço médio do barril de petróleo alcançou a cifra de US\$ 14,52 em 1973, devido à crise que circundava o Oriente Médio. Porém, com o episódio envolvendo países europeus, Estados Unidos e Israel (como já citado), o preço médio da commodity obteve um acréscimo de 300% em seu valor unitário (ODELL, 1974). Ou seja, de US\$ 14,52 em 1973, passou para US\$ 46,07 no ano seguinte, e que para um país produtor de petróleo significava ganhos absolutos no comércio do óleo.

Segundo Reynolds, “Em 1973 e 1980, quando o Ocidente passou por enormes problemas econômicos devido a choques de preços do petróleo, a União Soviética não parecia ter tantos problemas²⁵” (REYNOLDS, 2000, tradução nossa). Andrew Nikiforuk também faz a mesma observação:

Abundância de petróleo da URSS também a salvou de dois choques mundiais nos preços do petróleo em 1973 e 1981. Esses eventos voláteis levaram a maior parte do mundo ocidental (incluindo os Estados Unidos) para a recessão, a dívida e uma dependência cada vez maior do petróleo estrangeiro²⁶. (NIKIFORUK, 2013, tradução nossa)

²³ A Guerra de Yom Kippur foi o conflito entre Israel e a coalisão árabe (Iraque, Egito e Síria).

²⁴ Como já comentado, a primeira crise mundial do petróleo, em 1973, ascendeu à busca por alternativas que relativizassem a dependência do petróleo, além incentivar países a descobrirem fontes do mesmo em seu próprio território.

²⁵ In 1973 and 1980 when the West went through huge economic problems due to oil price shocks, the Soviet Union did not appear to have nearly as large of problems

²⁶ The union's oil abundance also saved it from two global oil price shocks in 1973 and 1981. Those volatile events sent most of the western world (including the United States) into recession, debt and as well as an ever increasing dependence on foreign oil.

Sendo assim, era de se esperar um incremento substancial, também, no Produto Interno Bruto (PIB) soviético, uma vez que, em 1974, a URSS era o segundo maior produtor de petróleo do mundo, atrás somente dos EUA, vindo a ser o primeiro em 1976 (GOLDMAN, 2010).

No entanto, o padrão de crescimento do Produto Material Líquido (PML)²⁷ soviético, embora tenha crescido 8,9% no ano de 1973, amargou uma caída brusca em 1974, chegando a 5,4% (SEGRILLO, 2012).

A tabela a seguir demonstra de forma linear a situação do PML soviético:

Tabela 1: Taxas de crescimento econômico anual da URSS, 1928-1991, segundo estatísticas oficiais.

Ano	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939	1940
%	8,2	16	21	16,8	11,3	6,5	15,2	19,2	29,3	12	8,9	9,5	11,6
Ano	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953
%	-8	-28,3	12,1	18,9	-5,7	-6	19,1	24,1	18	20,1	12,2	10,9	9,8
Ano	1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966
%	12	11,9	11,4	6,7	12,6	7,4	7,7	6,9	5,6	4,1	9,4	6,8	8
Ano	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
%	8,7	8,3	4,7	9,1	5,6	3,9	8,9	5,4	4,5	5,2	4,5	5,1	2,2
Ano	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	
%	3,9	3,3	4	4,2	2,9	1,6	2,3	1,6	4,4	2,5	-4	-9	

Fonte: (SEGRILLO, 2012, p.231)

A partir destes dados, nota-se que após experimentar uma alta taxa de crescimento devido ao preço do petróleo em 1973, o PML soviético praticamente estagnou, oscilando a níveis médios até chegar a 2,2% em 1979.

Até o final da década de 70, o preço do barril de petróleo oscilou entre US\$ 42 e US\$ 46 (GOLDMAN, 2010). No entanto, outra crise, em 1979, abalaria novamente o sistema energético mundial. Em contraponto aos ganhos soviéticos de 1973 com a alta do preço do barril do petróleo, em 1979, a URSS não conseguiu obter os mesmos saldos comerciais, e isto está relacionado com o relaxamento de políticas econômicas voltadas a outros setores de produção soviéticos, visto que a URSS se tornou dependente da commodity.

²⁷ O Produto Material Líquido (PML) corresponde estritamente a produção de bens materiais, o que exclui da conta, por exemplo, o montante do setor de serviços.

A alta no preço do petróleo e a produção quase que dobrando em dez anos (1968-1978) fez com que a URSS não percebesse que a proposta de seu modelo econômico já não se adequava com os níveis de produção mundial. Além disso, no planejamento da sua produção se priorizava a quantidade em detrimento da qualidade, o que ocasionou em uma forte paralisação no desenvolvimento tecnológico. Segundo Reynolds:

[...] o problema mais fundamental nas economias da Europa Oriental e na União Soviética foi a queda na produção de petróleo russo. A Rússia foi o principal produtor de petróleo para os países comunistas, e seu declínio de produção empurrou a economia soviética e do leste para a beira do desastre, causando o colapso²⁸. (REYNOLDS, 2000, tradução nossa)

Os dados compartilhados por Goldman (2010, p.35) mostram que a produção só veio a cair consideravelmente em 1989. A produção russa deixou de produzir mais de 100 toneladas de petróleo de 1988 até 1991, além de enfrentar consideráveis perdas no valor do barril. Esta relação pode ser comparada na tabela a seguir:

Tabela 2: Produção de Petróleo

Ano	Preço/Barril	URSS		Rússia	
		Barril/Dia	Tons	Barril/Dia	Tons
1982	66,94	12330	612,6		
1983	58,13	12403	616,3		
1984	52,86	12297	612,7		
1985	50,11	12040	596,7	10904	542,3
1986	25,63	12442	615,4	11306	561,2
1987	31,68	12655	625,2	11484	569,5
1988	24,71	12601	623,7	11444	568,8
1989	28,69	12298	607,2	11135	552,2
1990	35,62	11566	570,5	10405	515,9
1991	28,79			9326	461,9

Fonte: Tabela adaptada, com modificações e adições (GOLDMAN, 2010, p.35, tabela 2.1, tradução nossa)

²⁸ ...a more fundamental problem in the economies of Eastern Europe and the Soviet Union was the decline in Russian oil production. Russia was the main oil producer for the communist countries, and its production decline pushed the Soviet and Eastern economies over the brink of disaster, causing the collapse.

Sendo assim, mesmo que, segundo Reynolds, a crise econômica que atingiu a URSS esteja envolvida com a queda da produção petroleira, os dados apresentados mostram que não se trata somente de uma crise relacionada aos cinco últimos anos da URSS, mas de toda uma política defasada de crescimento e desenvolvimento promovida pelo governo soviético, visto que outros setores da economia mantinham-se “paralisados”.

O que se pode considerar como ápice da crise econômica citada por Douglas Reynolds são os vários fatores corroborativos a crise de produção petroleira. Segundo ele:

O cenário de causa e efeito mais provável é uma crise do petróleo causada pela escassez levando a uma queda na economia e eventual redução do consumo. Isto significa que estas economias foram forçadas a uma crise do petróleo. Eles tiveram que reduzir o uso de petróleo²⁹. (REYNOLDS, 2000, tradução nossa)

Além dos preços baixos e da queda na produção, o consumo de petróleo havia reduzido. O produto mais exportado pela URSS, neste momento, é responsável pela decadência de sua economia.

Para Andrew Nikiforuk, “Quando a produção de petróleo e suas receitas atingiram o pico, a União Soviética perdeu a capacidade da produção energética que juntou o império. O colapso do império foi, em outras palavras, outro conto curioso sobre as transições de energia³⁰” (NIKIFORUK, 2013, tradução nossa).

Portanto, o crescimento nos níveis de produção petroleira e de preço nos anos 70 não foi suficiente para garantir os níveis econômicos. Pior do que isso, a situação gerou um cenário favorável para a imagem da URSS a tal ponto que mascarou problemas maiores. Ou seja, o sucesso tecnológico e social foi concomitante à estagnação, uma vez que, a partir de 1981, o preço do petróleo começou a cair novamente (GOLDMAN, 2010), um dos fatores que demonstraram a sensibilidade da economia soviética, agora forçada a introduzir medidas econômicas drásticas para salvar o regime.

²⁹ The more likely cause and effect scenario is an oil crisis caused by scarcity leading to an economic down turn and eventual consumption reduction. This means that these economies were forced into an oil crisis. They had to reduce oil use.

³⁰ When oil production, and its all-important revenues peaked, the Soviet Union lost the energy mojo that glued its empire together. The empire's collapse was, in other words, another curious tale about energy transitions.

No final da década de 70, embora a condução da política interna da URSS caminhasse para a autoafirmação da maturidade socialista, a crise externa em que o socialismo caminhava era evidente³¹. Além disso, neste momento, o setor econômico não apresentava saídas satisfatórias, produzindo uma onda de tensões dentro do regime.

Se por um lado tentava-se achar algum modelo econômico que pudesse resgatar os níveis de crescimento da década passada, por outro, o objetivo era aliviar as tensões para que a economia não piorasse. A vulnerabilidade soviética diante da estagnação tecnológica e produtiva fez com que os poderes centrais buscassem novas saídas.

A União Soviética, diante do seu instrumento geopolítico, buscou durante toda a segunda metade do século XX trazer para a sua zona de influência os países que a circundavam, o Afeganistão foi um deles, onde as alianças saíram até mesmo do plano político e se aventuraram nos investimentos econômicos, a ponto que o mesmo se viu financiado e dependente do Estado soviético.

A dependência do Afeganistão perante a URSS fez com que o regime vigente buscasse novas alternativas de investimento. A atitude de procurar outras fontes de recurso acabou produzindo uma política pendular, onde o Afeganistão, por hora, tentava se aproximar dos Estados Unidos e, em outro momento, barganhava com a URSS.

Em 1979, além do declínio das taxas de crescimento, a URSS viu-se dentro de uma crise política sem precedentes dentro do Afeganistão. O país enfrentava um uma crescente guerra civil, separado por eixos partidários³² e, um deles, declaradamente antissoviético. Sendo assim, o Kremlin se posicionou a favor da intervenção militar no país, afirmando estar preocupado em proteger os laços políticos e os investimentos soviéticos em território afegão (SAIKAL 2004). No entanto, o descompasso do conflito gerou uma série de problemáticas internas e externas, que iremos tratar ao longo deste trabalho, como: isolamento internacional;

³¹ Apesar da URSS caminhar para uma crise política, os anos 70 representou o marco do geopolítico soviético. Diversas revoluções de cunho socialista ascenderam no 3º mundo, principalmente na África, entre elas: a República Popular de Angola (1975); República Popular de Benin (1975); República Popular do Congo (1970); Etiópia Socialista (1974); República da Guiné-Bissau (1972); República Popular de Moçambique (1975); e a República Democrática da Somália (1976). (WILCZYNSKI, 1987, p.28)

³² Após a democratização imposta pelo ex-primeiro-ministro e chefe do golpe de Estado, Muhammad Daoud, o país enfrentou grandes demandas no setor social que, agora com mais voz dentro do governo, busca maior atuação dentro do parlamento.

fim da *détente*; agravamento dos problemas econômicos; e, por fim, a queda da URSS. Os problemas antigos ganharam novos fomentos, e as soluções ruíram em meio ao que veria a ser o “Vietnã soviético”³³.

No próximo capítulo serão abordados os desdobramentos do conflito no Afeganistão, sob a ótica do país que sofreu a intervenção. Além disso, serão discutidos os porquês da empreitada soviética dentro do contexto histórico-econômico, haja vista os quase dez anos que a URSS permaneceu em solo afegão.

4. O PESO DAS RELAÇÕES AFEGÃO-SOVIÉTICAS E A INTERVENÇÃO MILITAR DE 1979

No final da década de 70, além dos problemas econômicos, a URSS enfrentava outra batalha fora do seu território. Antes mesmo da intervenção soviética se tornar uma realidade em 1979, a URSS estava engajada em manter os laços com o Afeganistão e proteger os investimentos realizados durante a segunda metade do século XX, utilizando artifícios ideológicos e políticos (SAIKAL, 2004).

Embora o Afeganistão tivesse relativo peso dentro da geopolítica do Oriente Médio, o mesmo tivera dificuldades em estabelecer uma política independente, pois desde a primeira metade do século XX esteve com o seu poder vinculado ao regime britânico. Após a Segunda Guerra Mundial, a situação muda de forma, visto que a Inglaterra, prejudicada nos primeiros anos do pós-guerra, viu seu poder na arena internacional perder força, sem condições de competir com as duas grandes potências da Guerra Fria (Estados Unidos e União Soviética). Neste momento, abre-se um vácuo de poder na antiga zona de influência britânica, atraindo países antes isolados para a política externa de outros Estados, por exemplo, na aproximação entre URSS e Afeganistão nos anos 50 (ALI, 2005).

A falta de “manobrabilidade” da política afegã e a dificuldade de resolver os seus problemas internos levou o país a procurar um aliado internacional. Em meio ao mundo bipolar da Guerra Fria, o Rei afegão, Mohamed Zahir (1933-1973), e o

³³ Em várias literaturas há comparações entre a intervenção soviética e a Guerra do Vietnã. Esta comparação foi criada devido às similitudes em que estes dois conflitos foram travados. Por exemplo, o fato de eles terem se tornando “Proxy Wars” (termo utilizado para guerras onde há interferência de um terceiro ator, mas este não participa ativamente do conflito), pela derrota do país interventor e devido ao alto grau ideológico ligado à Guerra Fria.

seu primeiro-ministro, Mohamed Daoud, tentaram estabelecer vínculos entre as nações buscando, a priori, ajuda para concluir programas como: aceleração no processo de *state-building* e arbitragem diante dos litígios com o Paquistão na questão fronteiriça (SAIKAL, 2004). Dessa forma, o posicionamento afegão interessou a União Soviética, visto que o país estava em um processo de expansão da sua zona de influência no pós-guerra.

A aproximação da URSS com o Afeganistão nos anos 50 foi pragmática, pois ambos os lados enxergavam benefícios na relação, refletindo a máxima de Henry Kissinger, ex-secretário de Estado estadunidense (1973-1977) de que “nas relações internacionais não há amizade, mas sim, interesses”. Logo após a Segunda Guerra Mundial, mesmo com parte do seu parque industrial e petrolífero destruído, os soviéticos conseguiram retomar os índices econômicos dos anos 20 e 30. Para exemplificar, se durante boa parte do conflito mundial a URSS amargou resultados negativos na sua produção e comércio, o término da Segunda Guerra Mundial reativou a economia e garantiu forte crescimento nos índices econômicos, chegando a 24% em 1948 e 20% no início dos anos 50 (SEGRILLO, 2012). Ou seja, com a produção econômica pujante e o fim da Segunda Guerra Mundial, a URSS poderia voltar a estabelecer relativo domínio dentro da arena internacional, expandindo o comércio e sua zona de interesse (principalmente geopolítico).

Sendo assim, a aproximação entre Afeganistão e União Soviética no início dos anos 50 corresponde à conjuntura em que os países e mundo estavam vivenciando naquele momento. Se para o Afeganistão o aprofundamento das relações com a União Soviética fazia parte de uma política pragmática para levantar recursos para seus próprios objetivos, a URSS respondia a aliança sob os mesmos indicativos realistas, de forma que esta relação se tornou mais forte a partir dos anos 60 e 70. Mesmo que o mundo bipolar fosse estável devido ao jogo de soma zero, o que eliminava boa parte das incertezas políticas e militares (Waltz, 1979), era necessário angariar parceiros e expandir a zona de influência, atingindo maior respaldo na arena internacional.

4.1 A CONTRUÇÃO DA PRESENÇA SOVIÉTICA: O ESTREITAMENTO DAS RELAÇÕES POLÍTICO-ECONÔMICAS

Durante os anos 60, mesmo com a aproximação soviética, o Afeganistão vivenciou problemas oriundos da década passada, pois mesmo com a tutela da URSS, o país não conseguiu resolver os problemas que o incentivaram a procurar por um parceiro internacional nos anos 50.

A não resolução destes problemas acabou deteriorando, em partes, a influência soviética no Afeganistão. Neste momento, Daoud, em meio às mesmas demandas do início dos anos 50, inicia uma política pendular dentro do cenário da Guerra Fria (SAIKAL, 2010). Esta política levará a uma tentativa de aproximação com os EUA, mas sem grande sucesso. Pois, ainda que os EUA estivessem dispostos a ajudar o Afeganistão (e o fizeram), no momento não era possível combater a influência soviética, seja do ponto de vista político ou econômico, o que tornava o país pouco interessante para a política estadunidense (WHAB; YOUNGERMAN, 2010).

Por outro lado, os EUA estavam envolvidos com a Guerra no Vietnã. Ou seja, além do interesse político e econômico baixo, os EUA estavam envolvidos em uma guerra que tomava proporções caóticas dentro da opinião pública estadunidense. Neste sentido, o Afeganistão não era estrategicamente importante como os seus vizinhos que estavam sob influência de Washington, como: Irã, Turquia e Paquistão. (SAIKAL, 2004)

Por outro lado, a “política de contenção”, consequência do mundo bipolarizado, acaba transformando aliados em trampolins geopolíticos. Se os EUA formaram alianças em volta da URSS na tentativa de barrar a expansão do bloco comunista, os soviéticos responderam de igual forma na arena internacional. Segundo Buzan e Hansen (2012):

“A resposta soviética foi tentar furar ou saltar sobre tais barreiras de contenção. Esta formação fortemente territorial explica quão significativas foram as crises de Berlim, da Coreia, de Cuba, do Oriente Médio e do Vietnã, todas consideradas cruciais para a manutenção ou a quebra das linhas de contenção”. (BUZAN; HANSEN, 2012, p.120)

Pela dialética da contenção ideológica e com a negativa estadunidense, a União Soviética pôde avaliar de forma segura a situação do Afeganistão. Antes

mesmo da troca de poder entre Krushchev e Brezhnev, houve certo controle da política afegã por meio de ajuda financeira e militar ao país (NOLAN; MACEACHIN; TOCKMAN, 2006). Grandes quantias de dinheiro foram oferecidas ao Afeganistão, chegando à quase três bilhões de dólares na época. (WAHAB; YOUNGERMAN, 2010)

O afastamento dos EUA e a facilidade de manutenção das relações com o Afeganistão por parte da União Soviética foi decisivo para a permanência do vínculo soviético no país. Segundo, Buzan e Hansen (2012, p.123) um dos pressupostos de Waltz – em sua análise estrutural – era de que “a União Soviética era fundamentalmente um ator racional, capaz de entender e gerenciar a bipolaridade nuclear, em vez de embarcar em uma política militar expansionista”. Não se acreditava que a URSS entraria em um completo desatino em relação às expansões territoriais e, se o fizesse, deveria haver boas justificativas para evitar um conflito maior. O sucesso das ingerências soviéticas na região deveria, como resultado, trazer o Afeganistão para a zona de influência soviética, e não desencadear um conflito global.

Ainda assim, haja vista que a URSS estava gozando de bons resultados na sua economia, antes mesmo da estagnação econômica exposta no primeiro capítulo, os níveis econômicos perpetuavam garantias de que a atuação soviética no Oriente Médio não era uma perda de tempo ou de dinheiro.

Os anos 60, para a União Soviética em sua relação com o Afeganistão, correspondem à época em que a aliança se mostrou concreta e imperativa para a geopolítica soviética. Segundo Mishali-Ham (2008, p. 415, tradução nossa), “No século XX, o Afeganistão se tornou um importante campo de batalha da Guerra Fria, resultando no crescimento da influência soviética no fim dos anos 60”³⁴. Por meio do seu crescimento econômico ainda relativamente alto (entre 5% a 9% ao ano), a URSS pôde manter a ajuda econômica não só para o Afeganistão, mas diversos países estavam ligados ao regime socialista no mundo. Neste contexto, mesmo que a URSS administrasse certo vínculo ideológico com o Afeganistão, o mesmo se demonstrou insuficiente ou incompatível com o país em questão. O marxismo-leninismo não era facilmente adaptável ao Islamismo, o que tornou, mais tarde, um

³⁴ In the twentieth century, Afghanistan became an important Cold War battleground, resulting in an increased Soviet influence by the end of the 1960s.

princípio de desordem ideológica diante da confusa dialética que o mesmo produzira (SAIKAL, 2004).

Mesmo que houvesse um apelo ideológico na retórica soviética sobre a aliança entre Afeganistão e URSS, grande parte das políticas relacionadas à região esteve relacionada com autoafirmação estatal, aumento da pauta econômica e sobrevivência de zonas de influência. À medida que a URSS crescia e tornava sua economia autossuficiente, era de se esperar que as ambições políticas, respaldadas pelo sucesso econômico, tomassem caminhos naturalmente para fora do país. Apesar dos anos 60 serem conhecido como o início da Era Brezhnev ou “Era da Estagnação”, ainda não era perceptível o quão perigosa poderia ser a política econômica soviética. Ainda que as reformas produzidas por Alexei Kosygin nascessem da previsão de problemas futuros na economia soviética, o peso e as consequências de prováveis decaídas econômicas não estavam tão claras a ponto de serem relacionadas a uma retração político-internacional da URSS na economia e, futuramente, nos política. A forma que a Guerra Fria manipulava as relações entre os Estados não estava ligada somente a ordem econômica, mas sim ao sucesso conjunto da economia e bem-estar social que cada sistema (socialista e capitalista) poderia oferecer a sua população.

A relação entre URSS e Afeganistão, nos anos 70, foi pautada através da manutenção do *status-quo*³⁵ da região e a garantia da sustentação ideológica dentro do país (SERVICE, 2009). Pois mesmo que a economia soviética entrasse de vez em um processo de estagnação, a partir de 1974, os anos 70 correspondem, também, ao ápice do poder político, tecnológico³⁶ e social do país, e o Afeganistão se tornou, neste momento, ator direto da política externa da URSS.

³⁵ Aqui usamos a mudança de *status quo* no âmbito da política interna e da política internacional como manifestações distintas, mas relacionadas ao mesmo fenômeno: a luta pelo poder (MORGENTHAU, 2003). Ver mais no Capítulo IV de “A política entre Nações” de Hans Morgenthau.

³⁶ O poder tecnológico neste momento não se baseia somente no caráter inovador da indústria visando lucros externos, mas, também, estabilidade no setor de defesa. Para Busan e Hansen (2012, p. 133) “A teoria da dissuasão também estava continuamente sob a pressão de novos desenvolvimentos em tecnologia que poderiam fazer que se estivesse mais ou menos vulnerável ao ataque”.

4.2 A INSTABILIDADE POLÍTICA E OS CAMINHOS PARA A INTERVENÇÃO MILITAR

Mesmo com a grande atividade soviética no país durante os anos 60, os problemas afegãos não puderam ser sanados devido à complexidade da região e a má condução da administração interna. A ingerência soviética no país era uma espécie de extensão do poder que a mesma teria adquirido durante a “Era Brezhnev” e buscava, no Afeganistão, enfatizar o poder ideológico do “2º mundo” e garantir o sucesso econômico dos seus investimentos por meio de mais de duas décadas de incentivo financeiro e militar no país.

A falta de “manobrabilidade” dos anos 60 tornou-se realidade mais uma vez nos anos 70. Se para a URSS os paradoxos econômicos evidenciaram mais tarde o completo descuido das políticas econômicas de outrora, para o Afeganistão a não resolução dos litígios políticos levou à falência dos pilares governamentais nos anos 70, o que incentivou o primeiro-ministro do país a realizar um Golpe de Estado em 1973 e instaurar um regime “democrático”³⁷ no país.

A falência do modelo monárquico no Afeganistão gerou certa desconfiança de Moscou. Mesmo que Daoud estivesse na linha de frente das relações econômicas e políticas entre Moscou e Cabul, o golpe de Estado acendeu o “sinal vermelho” para os soviéticos. Pois, se a URSS estava gozando do seu ápice de influência internacional, não poderia deixar o Afeganistão sucumbir diante de reformas que marginalizassem a cooperação entre os Estados. Além disso, Daoud direciona-se, neste momento, a reativar a política pendular exorcizada pela influência soviética de anos atrás, o que degradou consideravelmente a relação entre os governos. O Afeganistão queria diminuir a sua dependência com a URSS, e a URSS não queria perder espaço dentro do país, visto o temor de que o Afeganistão pudesse absorver ideias ocidentais e vir a se tornar um satélite estadunidense, como Irã, Paquistão e Turquia (WAHAB; YOUNGERMAN, 2010).

Neste sentido, era de se esperar que a URSS mantivesse certa ingerência em solo afegão, a fim de garantir que a interdependência, para fins geopolíticos, fosse mantida com os soviéticos. Kenneth Waltz versa sobre esta situação dizendo que “A integração aproxima as partes da nação. A interdependência entre as nações deixa-as vagamente ligadas” (WALTZ, 1979, p.147). Neste sentido, levanta-se ainda, a

³⁷ O termo “regime democrático” expressa que o Afeganistão queria chamar a atenção do Ocidente, a fim de não limitar a sua política à URSS.

hipótese de que a atuação militar soviética no Afeganistão não tinha idealizações expansionistas, mas sim ideológicas e de balanceamento de poder na região.

No que tange a figura de governo, “o regime Brezhnev preferiu a estabilidade à experimentação” (SEGRILLO, 2012, p. 232). Na economia era difícil ousar a ponto de não acirrar os conflitos internos entre conservadores e reformistas. No Afeganistão foi o mesmo, pois embora as ingerências fossem grandes, a dificuldade de estabelecer garantias no *status-quo* da região dificultou qualquer política sólida para o país. Mesmo assim, a sustentação em nível internacional de que o socialismo era de fato a melhor escolha fez com a URSS desenvolvesse políticas internas para melhorar as relações externas do país. A criação de uma nova constituição em 1977 versa sobre a maturidade que Brezhnev acreditava que a União Soviética teria alcançado, esta maturidade seria a fase do “Socialismo Desenvolvido” (SERVICE, 2009) e precisava reforçar este momento para o ocidente e aliados. Se no plano econômico a estagnação transformava os objetivos soviéticos em um pesadelo, nas questões políticas internas e entre os Estados aliados as relações não poderiam retroceder, pois a conjuntura dos problemas poderia ser catastrófica.

A partir disso, o Afeganistão se tornou parte do problema soviético nos anos 70 e estava altamente envolvido na conjuntura política do mesmo, participando desde o plano econômico da “Era da Estagnação”, visto os investimentos materiais e financeiros no país desde os anos 50, até mesmo na defesa do sonho comunista. Desse modo, a ingerência soviética dentro do Afeganistão tomou cada vez mais forma, pois para Moscou era imperativo que se estancasse esta “ferida”.

A partir da instauração do “regime democrático”, houve uma reviravolta dentro do Estado Afegão, pois renasceu a oposição antes esquecida e abafada pelo regime monárquico (SAIKAL, 2004). Os problemas sociais do país, neste momento, se tornaram evidentes. Movimentos pró-islâmicos entravam em conflito com pró-soviéticos, evidenciando os temores da difícil convivência e/ou ambivalência prevista nos anos 50. Além disso, o partido político chamado Partido Democrático do Povo Afegão (PDPA), vinculado à URSS, praticava duras acusações sobre o governo, o que gerava um desconforto enorme para Daoud, levando ao “silenciamento” de opositores do regime.

A perda sistemática da influência da URSS fez com que os soviéticos e o PDPA se voltassem contra o regime vigente. Esta oposição culminará no

assassinato de Daoud e sua família em 27 de abril de 1978 na Revolução de Saur³⁸, abrindo assim, após mais de 20 anos, um novo vácuo de poder no Afeganistão (WAHAB; YOUNGERMAN, 2010). Segundo Mishali-HAM (2008, p. 415, tradução nossa) “No fim de 1978, o Politburo recolocou o Conselho Revolucionário, e os dois países assinaram um tratado de amizade, que proveu ao Afeganistão ajuda econômica e militar”³⁹. No entanto, desta vez as consequências de uma perda soviética e as possibilidades disso ocorrer era deveras grandes. Se o Afeganistão estava tão envolvido na política soviética, como evidenciado anteriormente, dificilmente a URSS se daria por vencida na região.

O Afeganistão, a priori, não era tão importante para a URSS nos anos 50, pois partia de uma política inicial de firmar seu poderio na arena internacional. Devido a forte parceria com a URSS durante mais de 20 anos, o país tornou-se palco da política soviética e receptor direto de investimento e financiamentos. A perda de influência soviética no Afeganistão, neste momento, concretizaria o pessimismo preventivo da URSS, trazendo consequências diretas para o país que estava em processo de estagnação econômica.

O pessimismo soviético se concretiza com o assassinato de Mohammad Taraki, presidente pró-soviético que assumira o poder do Afeganistão durante a Revolução de Saur, e potencializa-se através da entrada de Amin Hafizzulah ao poder em 1979, candidato que não fazia parte dos planos soviéticos (WAHAB; YOUNGERMAN, 2010). Por se tratar de um novo golpe de Estado, havia uma grande dificuldade por parte do governo afegão de estancar as revoltas civis no país, gerando enormes conflitos entre camadas sociais e grupos étnicos (SAIKAL, 2004). Sendo assim, a aliança entre o PDPA e a URSS, neste momento, demonstram claros indícios de que muito possivelmente haveria uma espécie de “sovietização” do conflito para estancar as desordens internas. A ingerência soviética e a aliança do PDPA com a URSS, segundo Morgenthau, pode ser analisada, também, no âmbito cultural:

“O movimento comunista internacional, que antecedeu e sobreviveu à quinta coluna dos nacional-socialistas, constituiu o outro exemplo notável de imperialismo cultural de nossos dias. Dirigido diretamente por Moscou,

³⁸ Entende-se por Revolução de Saur o processo de golpe de Estado orquestrado pelo PDPA e URSS para depor o então presidente afegão Mohamed Daoud.

³⁹ By the end of 1978, a Soviet-style Politburo replaced the Revolutionary Council, and the two countries signed a treaty of friendship, which provided Afghanistan with economic and military aid.

durante seu período de apogeu, o movimento guiava e controlava os partidos comunistas em todos os países, tendo chegado a conseguir que as políticas seguidas por esses partidos estivessem sempre dentro os moldes traçados pela política externa da União Soviética”. (MORGENTHAU, 2003, p.126)

Mesmo que o PDPA não pudesse ser considerado – em tese - como um partido comunista, este sobrevivia devido à alta ingerência promovida por Moscou. Ficou evidente a intenção do Kremlin de colocar um presidente aliado no poder do Afeganistão. A presença de Hafizullah Amin e a sua incapacidade de estancar os problemas afegãos fortaleceu a decisão de intervir militarmente em 25 de dezembro de 1979⁴⁰.

4.3 A INTERVENÇÃO MILITAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Pensar em intervir militarmente no Afeganistão em um momento de estagnação econômica era de fato um grande problema para o Kremlin em 1979. Como já evidenciado, o final dos anos 80 marcam um grande declínio nos índices econômicos da URSS. Embora o questionamento da importância geopolítica do Afeganistão partilhem novas perspectivas sobre a intervenção, devido à influência soviética estabelecida no país e os investimentos que há anos eram desenvolvidos na região, o país ocupava um singelo grupo de Estados que, por causa de seu tamanho e poder político não poderia criar tantos distúrbios para a URSS. Essa perspectiva foi refutada de forma empírica em 1962 quando Cuba, aliada da URSS, se viu envolvida em um problema de ordem mundial no evento conhecido como “Crise dos Mísseis”.

O fato é que, a intervenção militar no Afeganistão é resultado de uma conjuntura maior, e mesmo que no fim do conflito o equívoco soviético fosse claro, “a invasão soviética não parece, em uma análise profunda, encaixar-se como uma tradicional ‘falha na inteligência’ – uma falha na coleta ou relato de informações sensíveis.”⁴¹ (NOLAN; MACEACHIN; TOCKMAN, 2006, p. 12, tradução nossa). Levando em consideração a característica complexa destes eventos, no plano

⁴⁰ A mobilização das tropas em território afegão inicia no dia 25 de dezembro de 1979. No entanto, é no dia 27 de dezembro do mesmo ano, através da Operação Shtorm-333, que os soviéticos eliminam Amin Hafizullah e colocam Barak Karmal no poder da República do Afeganistão.

⁴¹ “The case of the Soviet invasion of Afghanistan does not, on close examination, seem to fit the conventional view of ‘intelligence failure’— a failure to collect and report critical information”.

econômico da URSS, por exemplo, não se pode compreender a “Era Brezhnev” somente pelos 20 anos que o mesmo esteve no poder. Trata-se, também, de uma série de efeitos sistêmicos de épocas anteriores a este governo.

A intervenção no Afeganistão, por sua vez, possui a mesma característica, visto que se trata de um processo que toma proporções maiores a partir da “sovietização” do conflito em 1979. Portanto, a intervenção soviética não é compreendida neste trabalho somente pelo cunho militarista de 1979, mas por toda a ingerência social e política que o país produziu no Afeganistão durante anos.

Devido ao fato destes litígios estarem sob a órbita do conflito ideológico da Guerra Fria, e levando em consideração o poder limitado das instituições internacionais no que tange a repressão de conflitos internacionais, percebesse que “a ausência de uma autoridade acima dos Estados para prevenir e conciliar os conflitos que surgem necessariamente de vontades particulares significa que a guerra é inevitável” (WALTZ, 2004, p. 235). Portanto, ainda que houvesse uma pressão internacional a fim de estancar os conflitos regionais, o que prevalecia eram os interesses particulares de quem detêm o “monopólio da violência” ⁴². Ainda assim, para Waltz:

A diferença entre política nacional e internacional reside não no uso da força, mas nos diferentes modos de organização para fazer alguma coisa em relação a esse uso. Um governo, que governa segundo algum padrão de legitimidade, arroga-se o direito de usar a força – isto é, de aplicar uma variedade de sanções para controlar o uso da força pelos seus súditos. (WALTZ, 1979, p.145)

A descrição de Waltz mostra de forma panorâmica como eram desenvolvidas as políticas afegãs sob a órbita do poder soviético, visto que a URSS ingeria sobre um governo de criação soviética, que por sua vez moldava a estrutura de poder dentro do Afeganistão. Portanto, quando a guerra civil se torna eminente, a “sovietização” do conflito seria questão de tempo.

Nesse sentido, durante todo o processo de intervenção militar, a URSS se viu em um dilema maior dentro do seu próprio território, pois sua população se demonstrava altamente incomodada com as iniciativas militares no Afeganistão. Se por um lado tentava-se criar a noção de que a intervenção era justa e necessária,

⁴² Expressão usada por Max Weber ao se referir que o Estado é detentor legítimo (autoridade) da violência em determinado território.

por outro se amargavam duras críticas dos socialistas e da comunidade internacional.

No mesmo ano da intervenção militar, como já demonstrado no capítulo anterior, a URSS viu a sua taxa de crescimento anual chegar a 2,2%, muito abaixo da média dos anos 50, 60 e – até mesmo – dos anos 70 (SEGRILLO, 2012). Embora esta taxa não tenha se repetido (ou reduzido) até 1985, ela criou a tendência pessimista e realista da condução das medidas econômicas da URSS a partir do final dos anos 70.

A intervenção militar, por outro lado, corresponde a um período de quase dez anos, onde houve grande volatilidade na economia soviética: momentos de reanimação econômica; queda nas taxas de crescimento; estagnação; e, por fim, o declínio da URSS. Durante o período de intervenção militar, por meio da porcentagem de crescimento anual do produto material líquido soviético percebem-se todos estes fenômenos paradoxais neste mesmo recorte temporal. Isto se deu, teoricamente, pela dupla faceta das atividades militares no Afeganistão. Se por um lado a intervenção reativava a indústria militar e outros setores secundários, por outro, durante a intervenção militar, a mesma extraiu parte das riquezas do país em um conflito mal orientado ideologicamente.

Acreditamos na má orientação ideológica do conflito, pois a justificativa (doméstica e internacional) para a intervenção era composta de princípios político-ideológicos orientados a partir do contexto bipolar da guerra fria, ou seja, a intervenção visava a manutenção de certo grau de poder soviético na região. Os gastos militares, no entanto, passaram a ser motivo de desconfiança, uma vez que eram considerados imprecisos ou incertos. Neste sentido, as cifras gastas com produtos bélicos (ou até mesmo logísticos) orientou a intervenção por meio de uma distração ideológica, e não sob pressupostos político-econômicos.

Na tabela a seguir, são expostos os gastos militares por meio de diversos estudos que demonstram a contrariedade dos dados oficiais soviéticos:

Tabela 3: Gastos militares soviéticos, diversas estimativas, 1964-1985 (bilhões de rublos)

Ano	Soviético oficial (preços correntes)	SIPRI 1979 (preços correntes)	SIPRI década 80 (preços correntes)	Lee 1 (preços correntes)	Lee 2 (rublos de 1970)	CIA 1 rublos de 1970 (média)	CIA 2 rublos de 1970 (extremos)
1964	13,3	26,1	-	24,5	-	38	34-42
1965	12,8	25,1	30	26	-	39	35-43
1966	13,4	26,3	-	28	29,2	40	36-44
1967	14,5	28,5	-	32,5	33	43	39-47
1968	16,7	32,4	-	38,5	38,5	46	42-50
1969	17,7	34,6	-	42	42,2	47,5	43-52
1970	17,9	35,2	42	46	46,5	48,5	44-53
1971	17,9	35,7	42,7	-	52	59,5	45-54
1972	17,9	36,3	43,3	-	56,5	51	46-56
1973	17,9	36,9	44	-	63,5	53	48-58
1974	17,7	37,4	44,7	-	69	56,5	51-62
1975	17,4	38	45,4	-	77	59	53-65
1976	17,4	38,5	46	-	83,5	62,5	56-69
1977	17,2	39,1	46,7	-	89	63	56-70
1978	17,2	39,7	47,4	-	98	64,5	57-72
1979	17,2	-	48	-	107	67	59-75
1980	17,1	-	48,7	-	117	70,5	62-79
1981	17,1	-	49,5	-	-	-	-
1982	17,1	-	50,2	-	-	-	-
1983	17,1	-	-	-	-	-	-
1984	17,1	-	-	-	-	-	-
1985	19,1	-	-	-	-	-	-

Fonte: Tabela extraída, com adaptações e edições (SEGRILLO, 2013, p.250)

As considerações do Stockholm Internacional Peace Research Institute (SIPRI) foram avaliadas pelos preços de mercado de 1979 e refeitos a partir dos dados dos anos 80. Embora a volatilidade dos números da pesquisa impressione pela dificuldade de precisão dos dados, as colunas de Willian T. Lee e da CIA chegam a resultados parecidos no que tange a fiabilidade dos dados oficiais, ou seja, os números eram baixos demais em comparação com as atividades soviéticas.

Os problemas oriundos da falta de percepção econômica dos anos 70, encontraram os problemas políticos dentro do Afeganistão na mesma década. A diferença é que, a partir de 1979, a atividade militar no Afeganistão e a estagnação econômica começam a fazer parte do mesmo problema, uma vez que o conflito ultrapassava os gastos militares de uma intervenção convencional, chegando às cifras de bilhões de dólares por ano. Segundo Wahab e Youngerman (2010, p.188,

tradução nossa) “a guerra estava custando entre US\$7 e US\$12 bilhões por ano, mais os massivos esforços para reabastecer as tropas que já estavam no local”⁴³. A partir disso, qual era o peso destes gastos nas contas publicas? A tabela a seguir mostra os gastos relacionados ao PML soviético.

Tabela 3.1: Gastos militares em percentagem de PNB 1964 - 1990 (várias estimativas).

ano	URSS - oficial %PML	URSS SIPRI 1979	URSS SIPRI 1980-81	URSS SIPRI 1982-83	URSS LEE (preços correntes)	URSS LEE (rublos de 1970)	URSS CIA 1 (rublos de 1970)	URSS CIA 2 (preços correntes)	URSS CIA 3 rublos de 1970 (média)	URSS CIA 4 rublos de 1970	EUA SIPRI % PIB
1970	6,2	10	12	-	11,5	12,9	11-13	12-14	12,6	11,4 - 13,8	7,8
1971	5,9	9,7	9,7	-	-	13,6	11-13	-	12,5	11,3-13,6	6,9
1972	5,7	9,6	9,6	11,4	-	13,7	11-13	-	12,6	11,3-13,8	6,6
1973	5,3	9	9	10,8	-	14,5	11-13	-	12,2	11-13,3	6
1974	5	8,7	8,7	10,4	-	14,8	11-13	-	12,5	11,3-13,7	6,1
1975	4,8	8,6	10,3	10,3	14,5	15,5	11-13	-	12,8	11,5-14,1	6
1976	4,5	8,3	9,9	9,9	-	-	11-13	-	13	11,6-14,3	5,4
1977	4,2	8	9,6	9,5	-	-	11-13	-	12,7	11,3-14,1	5,3
1978	4	-	9,4	9,2	-	-	12-14	-	12,6	11,1-14	5,1
1979	3,9	-	-	9	-	-	12-14	-	13	11,4-14,5	5,1
1980	3,7 (2,8)	-	-	8,8	-	-	12-14	15-17	13,4	11,8-15	5,6
1981	3,5	-	-	8,7	-	-	12-14	15-17	-	-	5,8
1982	3,3	-	-	-	-	-	12-14	15-17	-	-	6,5
1983	3,1	-	-	-	-	-	12-14	15-17	-	-	6,7
1984	3	-	-	-	-	-	-	15-17	-	-	6,5
1985	3,3 (2,5)	-	-	-	-	-	-	15-17	-	-	6,6
1986	3,2 (2,5)	-	-	-	-	-	-	15-17	-	-	6,7
1987	3,4 (2,4)	-	-	-	-	-	-	15-17	-	-	6,4
1988	3,2 (2,3)	-	-	-	-	-	-	15-17	-	-	6

⁴³ The war was costing them between \$7 and \$12 billion per year, plus a massive logistics effort to feed and resupply the troops already in place.

1989	11,2 (8,0)	-	-	-	-	-	-	15-17	-	-	-
1990	9,9 (6,9)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Tabela adaptada, com modificações e adições. (SEGRILLO, 2013, p.252)

A partir dessa tabela e, novamente, com estimativas diversas, podemos mais uma vez a demonstrar a difícil precisão dos dados do SIPRI, CIA e Willian T. Lee. Entre 1979 e 1989, como já abordamos, a URSS estava estagnada economicamente e com índices nada satisfatórios. Se considerarmos as estimativas ocidentais, podemos concluir que os encargos militares trabalharam de forma dúbia na economia soviética. Mesmo que a indústria militar fosse acionada no início da guerra como um vetor que garantisse a saúde produtiva, em longo prazo os gastos se tornaram abismos políticos e econômicos em um processo já avançado de crise interna. Sendo assim, como traduzir o insucesso econômico e ainda manter e intervenção militar no país?

Com a morte de Leonid Brezhnev em 1982, há duas trocas de poder na União Soviética até que Mikhail Gorbatchev (1985-1991) assuma a liderança no país. Com a intervenção militar em curso, Gorbatchev anunciou que programaria a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão. No entanto, o que mais chama a atenção quando abordamos o legado de Gorbatchev para a URSS é, sem dúvidas, as medidas econômicas e políticas da Perestróica e Glasnost. Assim sendo, Gorbatchev assume a liderança sobre fortes premissas de corte de gastos e manejos radicais no âmbito econômico e político. Neste momento, há a convicção de que a intervenção militar no Afeganistão e a estagnação econômica necessariamente deveriam fazer parte do passado e, a partir de então, deveria se pensar em como resguardar os sustentáculos governamentais da União Soviética.

A partir da segunda metade dos anos 80, momento em que Gorbatchev chega ao poder (março de 1985), nota-se uma queda acentuada nos índices econômicos em 1985 que, como já evidenciado, foi maior que a queda de 1979. A taxa de crescimento chegou a 1,6%, a menor taxa desde 1946. Para evitar um colapso total do país Gorbatchev necessitava não só encerrar com as atividades militares no Afeganistão, mas retomar os níveis de crescimento das décadas passadas. No entanto, mesmo com as iniciativas econômicas propostas naquele momento, o desgaste era demasiadamente grande para ser sanado em tão pouco

tempo. A média de crescimento durante o conflito na “Era Gorbachev (1985-1989)” foi de 2,48%, e durante todo o período (1985-1991) foi de -0,8%, uma retração total da economia soviética. Nota-se ainda, que os porquês desta média ter sido tão baixa são devido aos últimos anos da URSS, haja vista os números negativos de 1990 (-4%) e 1991 (-9%) (SEGRILLO, 2012).

A partir da retirada das tropas soviéticas do Afeganistão, em 1989, a economia da URSS entrou em um colapso total. Mesmo que a causa do colapso econômico faça parte de problemas sistêmicos, alguns inclusive citados e analisados durante este trabalho, a retirada soviética evidencia o fracasso militar e político na região, trazendo uma conta maior do que os déficits financeiros para a URSS. Segundo Marina Terra (2013):

“o impacto em longo prazo foi profundo [...] os soviéticos jamais se recuperaram das perdas em termos de imagem pública internacional e dos dispêndios financeiros, fatores que contribuíram significativamente para o fim da URSS em 1991”. (TERRA, 2013)

Portanto, o país deixou o território afegão com mais problemas do que encontrou. A economia que estava sendo aquecida pela iniciativa militar, neste momento, se vê enfraquecida pelos problemas conjunturais desenvolvidos durante quase meio século. A crise exposta dá lugar a variados eventos, como a tentativa de golpe contra Gorbachev em agosto de 1990, os conflitos nos Balcãs e a assinatura da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), assinado por 11 repúblicas soviéticas em 21 de dezembro de 1991 (SERVICE, 2009). A partir disso e, dias depois da assinatura da CEI, Gorbachev renuncia e dá-se fim a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

5. A ERA DA ESTAGNAÇÃO, O PROCESSO DE INTERVENÇÃO NO AFGANISTÃO E A QUEDA DA UNIÃO SOVIÉTICA: MOMENTOS CORRELACIONADOS?

Como fora avaliado, estes dois momentos correspondem a consequências de um processo maior que a URSS estava enfrentado. Embora o país estivesse gozando de ótimos resultados em alguns setores de sua economia na década de 60, a URSS não demorou muito para se envolver em um difícil processo de declínio

econômico e tecnológico. Além disso, a intervenção no Afeganistão por parte dos soviéticos acontece em um estágio bem avançado para os problemas econômicos.

Em 1979, ano da intervenção, a URSS atingiu o que podemos chamar de “ponto sem volta” para o resgate da economia do país, sobrando somente soluções paliativas até a entrada do governo Gorbachev. Sendo assim, esses dois momentos da história soviética poderiam estar ligados intrinsecamente de forma a contribuir significativamente para a queda da União Soviética em 1991?

A priori, os dois momentos, de forma individual, auxiliaram no processo de queda do regime socialista. Embora a estagnação econômica dos anos 70 não possa ser considerada como um evento natural na história soviética, a dificuldade do regime socialista de alcançar os níveis de desenvolvimento do mundo capitalista acelerou o processo destrutivo da economia que veio a desmoronar em 1991. A ideia de Khrushchev de que os países socialistas e capitalistas deveriam interromper a corrida armamentista e focar em uma competição econômica e social (SERVICE, 2009), evidenciou a própria derrota do mundo soviético. Pois, se o desenvolvimento social era o grande trunfo da URSS (principalmente nos anos 70), a economia era o seu “calcanhar de Aquiles”.

No que tange a intervenção no Afeganistão, podemos compreender que o conflito, por si só, causou um grande desgaste para os soviéticos no âmbito político, além de ser um dos últimos países – se não o último - a ter adotado um regime socialista em 1978, vinculado com a URSS (WILCZYNSKI, 1987)⁴⁴, mostrando que havia sérios indícios de enfraquecimento político da URSS. Além da condenação por parte da mídia ocidental, a falta de compreensão da população soviética demonstraram que havia poucas justificativas e estímulos para continuar com a empreitada militar no Oriente Médio. Mesmo que a URSS estivesse envolvida na política do Afeganistão há muitos anos, a rejeição diante da guerra por grande parte dos soviéticos crescia a cada ano em que o país se demonstrava mais insistente com o conflito. Muito embora as explicações pairassem diante de questões político-ideológicas, a decisão de intervir em território afegão partiu de posições pragmáticas do Kremlin, visto que o país do Oriente Médio se demonstrou relevante por vários

⁴⁴ “[...] a designação de ‘Socialista’ (com ‘S’ maiúsculo) aplica-se aos dezessete países governados por Partidos Comunistas (N.T.: ou outro partido com estrutural e politicamente equivalente como o POUP, na Polônia) [...] (WILCZYNSKI, 1987, p. 27)

motivos geopolíticos e econômicos de difícil compreensão para o cidadão comum (WAHAB; YOUNGERMAN, 2010).

Se os problemas econômicos partem da perspectiva de um processo mal sucedido de medidas econômicas, a intervenção no Afeganistão pode ser encarada como o “começo do fim do processo”. A relação destes dois momentos não se dá, somente, no ano de 1979, pois os dois eventos partem de um processo iniciado durante os anos 50. Por exemplo, os anos 50 correspondem à época onde a maioria das iniciativas e propostas econômicas foram engavetadas por Joseph Stalin, uma época difícil para praticar o chamado “revisionismo”, até por que pouco havia para revisar do ponto de vista institucional. Por sua vez, a intervenção no Afeganistão, corresponde a época em que as políticas entre os governos soviético e afegão se demonstraram mais envolvidas, visto a necessidade do país de buscar um aliado internacional. Então, se a estagnação dos anos 70 e a intervenção no Afeganistão partem de um princípio semelhante, pode-se afirmar que estes dois momentos compartilham de um processo único que veio a ser um dos fatores para a queda da URSS?

Embora a estagnação dos anos 70 possa ter a sua fonte na falta de ajustes econômicos já durante o governo Stalin, os maiores erros de percurso foram causados durante a “Era Brezhnev”. Inclusive, pela difícil condução das políticas econômicas, o período em que Brezhnev esteve no poder também é conhecido por Era da Estagnação ou, apenas, Era Brezhnev. A analogia do nome de Brezhnev aos problemas econômicos é tão forte nas literaturas sobre o tema que se torna muito difícil a dissociação do seu nome com os prejuízos que levaram a queda da URSS. O soviólogo Wolfgang Leonhard (1977), quando analisa as modificações políticas e econômicas esperadas para o governo pós-Khrushchev, demonstra que grande parte da comunidade acadêmica estava otimista quanto ao setor político-econômico, visto que havia uma forte tendência de uma mudança de rumos, como acreditava Leonard Shapiro, “que os sucessores provavelmente se mostrariam flexíveis o suficiente para limitar um pouco a posição monopolizadora do partido em troca de outro sistema governamental institucionalizado e reconhecido” (SHAPIRO, apud. LEONHARD, 1977, p.100). No entanto, o próprio autor faz uma autocrítica às suas crenças da época, o que reativa a ideia de um consenso quase que geral de boas perspectivas quanto ao futuro da URSS:

Na época, eu mesmo acreditava que o partido se adaptaria cada vez mais às condições socioeconômicas da sociedade industrial soviética em formação. Eu acreditava que o sistema de planejamento seria modernizado; as fábricas e empresas receberiam uma autonomia maior, podendo, talvez, até mesmo se tornar totalmente independentes. A influência dos economistas, cientistas e técnicos aumentaria bastante. Entretanto, as modificações não ocorreriam sem dificuldades e retrocessos; elas seriam impostas após lutas com o partido, o qual – de maneira geral – estaria interessado em minimizar o mais possível todas as modificações. (LEONHARD, 1977, p.101)

Nesse sentido, e dando sequência a pergunta, dificilmente a estagnação dos anos 70 e a intervenção no Afeganistão correspondem a um processo único na história soviética, mas sim, podem ser identificados como eventos relacionados à Era Brezhnev. Pois, se os problemas econômicos fazem parte de uma cadeia de eventos passados, foi durante os quase 20 anos de governo Brezhnev que os mesmos não foram sanados, mas sim, mascarados em forma de bem-estar social. A mesma questão pode ser identificada no que tange a intervenção ao Afeganistão, haja vista a necessidade de garantir um sucesso geopolítico em detrimento de questões internas, que produziam consecutivos relaxamentos dentro do Kremlin (SERVICE, 2009).

A partir disso, pode-se dizer que estes dois momentos correspondem a dois processos históricos distintos que convergem em determinado ponto da história. Neste caso, o ano de 1979 é encarado como ponto fundamental para esse alinhamento. Além de ser o ano em que se inicia a intervenção soviética, a data também é relacionada ao início da queda sistêmica da economia soviética, visto as baixas taxas de produção interna do país. Em uma comparação sistêmica, encaramos o ano de 1979 como o ano de grandes mudanças no cenário internacional, mas, principalmente, o ano em que o esgotamento do modelo soviético encontra a relativa necessidade de intervir militarmente no Afeganistão, seja para fins políticos ideológicos ou financeiros, haja vista os investimentos soviéticos no país. No entanto, à medida que a intervenção fora iniciada, pode-se notar, a partir dos dados das taxas de crescimento, algum aumento na produtividade soviética (SEGRILLO, 2012). Então, pode-se dizer que a decisão de intervir no Afeganistão em 1979 esteve relacionada à tentativa de reerguer a economia soviética?

Durante todos os anos 80, a média de crescimento da URSS foi de apenas 3,07% (SEGRILLO, 2012), ou seja, de forma geral, a intervenção não ajudou na

retomada de produção da economia soviética. No entanto, se analisarmos os primeiros anos da intervenção veremos que, apesar dos 2,2% de 1979, as taxas de crescimento ficaram entre 2,9% a 4,2% até o ano de 1983, um ano após o falecimento de Brezhnev.

Se compararmos a média de crescimento da economia soviética dos anos 70 com os anos 80, seria difícil estabelecer um vínculo entre a tentativa de reerguer a economia e a decisão de intervir no Afeganistão a partir dos resultados econômicos. Na verdade, esta afirmação seria uma falácia, pois esta análise partiria de números futuros e não de ações pretéritas, portanto, seria uma análise anacrônica dos acontecimentos.

A iniciativa não parece ter sua gênese nos problemas econômicos soviéticos, até por que a dimensão destes problemas ainda não estava clara. Além disso, o tratado de 1978 entre URSS e Afeganistão, embora tivesse significativo poder econômico sobre o país árabe, para a URSS, solidificava a posição geopolítica soviética na região. Mishali-Ham (2008) versa sobre a questão da seguinte forma:

A situação interna foi novamente agravada pela resistência popular contra o regime comunista no verão e inverno de 1978, combatida por repressão do regime, e acompanhada por uma batalha sangrenta entre setores radicais e moderados do partido. A deterioração política e a situação securitária chamou a atenção das duas superpotências, primeiramente a União Soviética, em seguida, os Estados Unidos, para dentro de uma intervenção militar prolongada no tumulto afegão⁴⁵. (MISHALI-HAM, 2008, p. 416, tradução nossa)

Vindo na contramão do processo de revitalização da indústria por meio da investida militar no Afeganistão, o conflito pode ter gerado não só um desconforto internacional para a União Soviética, mas o desencadeamento de processos destrutivos para a economia. Se analisarmos a segunda metade dos anos 80, veremos à baixa substancialmente sensível dos níveis econômicos causou mal-estar em diversos setores políticos, o que levou a medidas severas dentro do país. A intervenção acabou extraíndo as últimas forças políticas e econômicas da URSS que, embora procurasse uma maneira de manter o Estado Soviético, acabou vendo o seu país limitado a partir da retirada das tropas soviéticas do Afeganistão (TERRA,

⁴⁵ the internal situation was again aggravated by the breakup of popular resistance to the communist regime in summer and fall 1978, countered by regime repression, and accompanied by a bloody struggle between the radical and more moderate wings of the ruling party. The deteriorating political and security situation drew the two superpowers, first the Soviet Union and then the United States, into prolonged military intervention in the Afghan turmoil.

2013). Esta limitação não se dava somente às questões internas, mas, como já dito, evidenciava o declínio sistêmico do poder do país, como demonstrava a queda do Muro de Berlim, em 1989.

Mesmo que as teorias que ambientavam o *mainstream* das academias não pudessem prever a queda da URSS (por meio do caos político que a mesma se situava) alguns teóricos já consideravam que os meios que os socialistas utilizavam iriam se exaurir de uma forma ou outra (TODD, 1976). Emmanuel Todd e Andrei Amalrik dissertaram sobre o tema, acreditando que a burocracia (e a elite burocrática) levaria a URSS à ruína. Amalrik menciona que:

O atual regime da União Soviética não está interessado em restaurar o “stalinismo”, nem em perseguir os representantes da intelectualidade, nem tampouco em “conceder uma ajuda fraterna” aos que nem sequer a pedem. Ele quer simplesmente que tudo permaneça exatamente como está, que as autoridades continuem sendo reconhecidas, que a intelectualidade se cale, que o regime não seja abalado por reformas perigosas e incomuns. O regime não ataca, ele apenas se defende, seu lema é: “Não mexam conosco, que também não mexeremos com vocês”. Sua meta: “Tudo deve permanecer como já era”. (AMALRIK, apud. LEOHARD, 1977, p.363)

A partir disso, nota-se que Amalrik identificava já naquela época os problemas oriundos da falta de flexibilidade da burocracia soviética. Ele identificou os problemas e o fim da União, mas não os processos históricos que endossariam a sua tese. Embora a sua leitura fosse prematura diante da intervenção no Afeganistão, ela era concomitante ao processo de decadência econômica que possui parte de sua gênese na falta de ação dos soviéticos, o que está altamente relacionado com o regime burocrático aqui identificado. Algumas teses levantadas durante os anos 70 demonstram que o tema era de fato causador de grande apreensão na academia e na política internacional. Portanto, diversas teorias sobre o futuro da URSS foram criadas, mas poucas (ou nenhuma) dissertaram de forma precisa como se daria este processo. Segundo Wolfgang Leonhard (1977, p. 228), por exemplo, as tensões para uma possível queda da URSS poderiam partir de dentro da união, mas sob uma perspectiva étnica-nacionalista.

Como evidenciamos no primeiro capítulo, os problemas econômicos enfrentados pelos soviéticos fazem parte de um dos acontecimentos que dão origem a problemas sistêmicos dentro da administração soviética. Essas tensões de origem étnica eram versadas a partir do fenômeno de “russificação” implementada por Moscou que, segundo o autor, teria como consequência final a dissolução total da

união, pois para ele “Cada vez mais os ucranianos, os usbeques, os georgianos e os membros de outras nacionalidades chegariam à conclusão de que deveriam exigir maior autonomia” (LEONHARD, 1977, p.228). A tese de Leonhard pode ser parcialmente confirmada com a assinatura da CEI, em 1991, fomentada, também, pelo isolamento internacional e a situação econômica no início dos anos 90.

A URSS conseguiu se adaptar, em certo ponto, às mudanças que o mundo lhe impôs até a segunda metade do século XX, quando as mudanças sistêmicas e conjunturais colocaram à prova os pilares institucionais do Estado. No entanto, compreender esta fase (anos 80) como um processo sem volta é importantíssimo para desvendar os porquês das medidas severas que Gorbachev implementou. Para exemplificar, Angelo Segrillo (2012) traz uma citação de Gorbachev em seu livro “Perestroika: novas ideias para meu país e o mundo”, que explica os porquês de tal reforma:

“Deixe-me primeiro explicar a situação nada simples que se desenvolveu no país nos anos 80 e que fez com que a perestroika se tornasse necessária e inevitável... Analisando a situação, primeiro descobrimos uma diminuição do crescimento econômico. Nos últimos quinze anos, a taxa de crescimento da renda nacional caíra para mais da metade e, no início dos anos 80, chegara a um nível próximo da estagnação econômica. Um país que antes estive alcançado rapidamente as nações avançadas, agora começava a perder posição. Além disso, o hiato existente na eficiência da produção, na qualidade dos produtos, no desenvolvimento científico e tecnológico, na geração da tecnologia avançada e em seu uso começou a se alargar, e não a nosso favor... E tudo isso aconteceu numa época em que a revolução científica e tecnológica abria novos horizontes para o progresso econômico e social.” (GORBATCHEV apud. SEGRILLO, 2012, p. 236)

Nesse sentido, e levando em consideração que o fim do conflito no Afeganistão onerou ainda mais as contas públicas, chegou-se ao momento em que a única coisa que poderia manter a URSS unida era a uma medida que clamasse pela “reconstrução”, ou *perestroika*, em russo. O objetivo era retomar os índices econômicos da época antes da estagnação. Embora os números dos anos 20, 30 e 40 fossem virtualmente impossíveis de serem alcançados no final dos anos 80, a ideia era, acima de tudo, assegurar que a URSS não entrasse em colapso total, o que veio a acontecer em 1991.

5.1 O CAMINHO SEM VOLTA DA DISSOLUÇÃO

A partir da metade dos anos 80, a URSS entra em um momento de “revisão do revisionismo”. Muito embora as medidas econômicas da década de 60 tivessem como objetivo retomar os níveis de crescimento de outrora, em geral, estas medidas não conseguiram alcançar maiores resultados (WILCZYNSKY, 1987).

Durante os primeiros anos do governo Brezhnev, o primeiro-ministro, Alexei Kosygin, estabeleceu algumas reformas, iniciadas em 1965. Estas reformas, embora pouco comentadas, representaram na época as reformas mais radicais do sistema soviético, somente perdendo para a Perestróica. A radicalização destas medidas parte da questão controversa de atacar direta ou indiretamente os poderes centrais. Foi o começo das tentativas de reerguer a economia soviética. No entanto, não se deve pensar nestas medidas como ideias liberais, ou necessariamente controversas ao Estado soviético. Elas entravam em desacordo com os poderes centrais, devido à extrema falta de flexibilidade e burocracia do regime, mas eram de extrema necessidade para garantir a sobrevivência do país. Robert Service demonstra como estava a situação sobre a figura de Gorbachev:

Gorbachev não era um liberal político. Na época, no entanto, não era grande a sua reserva de poder do partido comunista como sua iniciativa libertadora, que foi impressionante. Gorbachev foi libertando o debate na URSS de uma forma que nenhum líder soviético tinha tentado, nem mesmo Khrushchev e, certamente, Lenin.⁴⁶ (SERVICE, 2009, p.448, tradução nossa)

No entanto, ainda que Gorbachev não pudesse ser comparado com um político liberal, há outras facetas que devem ser analisadas. Por exemplo, Abraham Archer trata da imagem de Gorbachev de forma dúbia, como se o então líder soviético administrasse a política do Estado de forma pragmática, mudando de postura dependendo da situação:

"Embora Gorbachev tivesse pertencido ao alto escalão do Partido Comunista por alguns 18 anos, poucos suspeitavam de que ele era o tipo de pessoa que levaria a União Soviética fundamentalmente em uma nova direção. Ele era, como o historiador Robert Service colocou, um 'brilhante dissimulador'; em público ele tomava as linhas do partido, mas em conversas privadas com sua família e amigos mais íntimos que ele tinha desde seus dias como um estudante na Universidade Estadual de Moscou

⁴⁶ “Gorbachev was not a political liberal. At the time, however, it was not so much his reservation of communist party power as his liberating initiative that was impressive. Gorbachev was freeing debate in the USSR to an extent that no Soviet leader had attempted, not even Khrushchev and certainly not Lenin.”

1950-1955, expressava sua insatisfação com o estado das coisas em seu país, embora tivesse apenas a mais vaga noção de como melhorar as condições”.⁴⁷ (ARCHER, 2009, p.219, tradução nossa)

Após a morte de Konstantin Chernenko⁴⁸ rapidamente os membros do Politburo votaram em Gorbachev como secretário geral do partido, e então como líder da nação. No entanto, a conjuntura política necessitava mudanças com urgência, mas não estava pronta para medidas profundas e antiburocráticas, visto que a econômica sucumbia subtraída pelos dispêndios de um conflito mal conduzido, e as reformas mais assustavam do que traziam esperanças. Uma onda de pessimistas e otimistas nasceu, e as reformas foram implementadas sob olhares apreensivos. Adriano Guerra narra de forma muito acertada como se deram os ânimos naquela época:

Creio que os otimistas exagerados esquecem com frequência algumas coisas que devem ser levadas na devida conta: a gravidade da crise que Gorbachev enfrenta tanto na URSS quanto – e seguramente sobretudo – nos países do leste europeu; os limites político-culturais dos renovadores e do próprio Gorbachev [...]; e, por fim, a força real das oposições. (GUERRA, 1988, p.56)

No que tange aos pessimistas, Guerra chamava a atenção para a união de forças contra as estruturas hegemônicas dentro do país:

Dito isso, chamo a atenção de que os pessimistas, entretanto, esquecem com frequência que a iniciativa de Gorbachev está agora reunindo forças importantes: intelectuais, mas também - e sobretudo – técnicos operários especializados, especialistas que querem manifestar-se que são contra o igualitarismo e a burocracia. (GUERRA, 1988, p.56)

Sendo assim, Gorbachev não só teria que insistir em medidas drásticas para a URSS se manter “viva”, mas convencer todo um aparato político-administrativo liderado por uma elite burocrática de que os tempos eram outros e que, como

⁴⁷ “Although Gorbachev had belonged to the top echelon of the Communist Party for some eighteen years no many people suspected that he was the kind of person who would lead the Soviet Union in a fundamentally new direction. He was, as the historian Robert Service put it, a ‘brilliant dissimulator’; in public he toed the party line but in private conversations with his family and closest friends he had, ever since his days as a student at Moscow State University from 1950 to 1955, expressed dissatisfaction with the state of affairs in his country, though he had only the vaguest notion of how to improve conditions.”

⁴⁸ Antes mesmo da entrada de Gorbachev no poder, a União Soviética presenciou a entrada de outros dois líderes após a morte de Brezhnev, Yuri Andropov e Konstantin Chernenko. Os dois faleceram pouco tempo depois de chegarem ao cargo máximo do país. Segundo Segrillo (2012, p. 235), “uma piada começou a correr entre a população, de que as marchas fúnebres que tocavam continuamente nas rádios (em vez da programação normal) quando da morte dos líderes estavam se tornando o *hit parade* da década”.

podemos analisar durante o texto, faziam parte de constantes desgastes perpetuados desde os anos 60. Portanto, a luta de Gorbachev era mais do que individual do ponto de vista político, mas resguardava todos os anseios e esperanças de que a URSS passaria pelas adversidades econômicas e voltaria ao status político que tivera.

Apesar de ser conhecida como marco do fim da União Soviética e, devido às proximidades temporais entre o início de sua implementação e dissolução da URSS, relacionada como a percussora da desestabilização do regime, a Perestróica previa a continuidade da União Soviética e prezava por reformas duradouras.

Embora muitos associem a Perestróica como uma medida controversa dentro do sistema socialista, ela configurava a necessidade de revisar de forma urgente os planos econômicos de outrora, que levaram à sua implementação no governo Gorbachev (SERVICE, 2009). Como já exposto anteriormente, quando Gorbachev chega ao poder, em 1985, sua grande preocupação era de evitar o completo colapso da economia, por isso, ele tendeu a explicar os porquês dos novos planos econômicos a partir do seu livro “Perestróica: novas ideias para meu país e o mundo”. A implementação da mesma se daria em fases, compostas por ideias, condições e análise de resultados.

Na primeira fase, prezava-se pela descentralização do sistema soviético, um modelo parecido com as reformas do Alexei Kosigin nos anos 60. A ideia era diminuir a burocracia, incentivar os empresários e fornecedores e dar mais liberdade para a criatividade. Esta iniciativa não agradou os membros mais conservadores, o que gerou revisões das medidas pelo Politburo. Segundo Angelo Segrillo:

“Alguns membros mais conservadores da liderança do partido começaram a dizer que as reformas até ali não tinham trazido melhora econômica significativa e, pelo lado político, incorriam em riscos. Talvez fosse melhor parar ou repensar. Por isso, no ano de 1988, entra-se numa fase de discussões sobre o caminho a seguir.” (SEGRILLO, 2012, p.239)

A próxima fase seria composta de análises e discussão do que seria feito daquele momento em diante. De fato, a possibilidade de continuar as mudanças radicais dentro da URSS assustava parte dos políticos conservadores (SERVICE, 2009). Liderados por Egor Ligachev, a ala conservadora achava que a continuidade das reformas poderia abalar todo o sistema político da época, visto que

ultrapassariam as liberdades políticas e econômicas das reformas de Khrushchev e Kosygin.

As próximas duas fases corresponderam a iniciativas capitalistas, mesmo que “ainda que não se falasse em capitalismo, mas sim em utilizar elementos da economia de mercado para tornar o sistema produtivo socialista mais dinâmico” (SEGRILLO, 2012, p. 239). A terceira fase corresponde a “fase de economia de mercado”.

A última fase e, a que tende relacionar a Perestroika como o facilitador da queda da URSS, corresponde ao momento em que, devido ao fracasso das medidas anteriores – de uma forma geral -, Gorbachev se viu na necessidade de recuar e aceitar as negativas, ou dar continuidade ao seu projeto a partir de ações mais radicais. Portanto, a última fase corresponde à transição da URSS para sua queda em termos políticos, por sua vez, na economia esta fase pode ser considerada como “reestruturação capitalista”.

Estas medidas, de certa forma, correspondem a ações desesperadas. Ideias encorajadas pelas dificuldades econômicas e de décadas de descuidos forçaram medidas radicais dentro da URSS. Embora Gorbachev tenha acreditado veementemente que a composição da Perestróica e a Glasnost poderiam reativar a economia e exorcizar os problemas políticos, ele foi traído pela própria conjuntura do sistema, que desmoronou diante da ineficácia dos programas e, por Boris Yeltsin, político que abandonou o PCUS para liderar a oposição, em 1989. Além disso, segundo Robert Service:

"Glasnost e Perestróica foram minando as bases políticas e econômicas da ordem soviética. Localismo, o nacionalismo, a corrupção, os fenômenos ilegais, que havia crescido sob o governo de Brejnev, foram reforçados pelo desmantelamento dos controles centrais realizadas por Gorbachev. Ele era o 'holy fool' da Rússia. E como um 'holy fool', ele não sabia disso."⁴⁹ (SERVICE, 2009, p. 466)

Neste sentido, Gorbachev foi um “*holy fool*” ao imaginar que poderia reformar as estruturas soviéticas em tão pouco tempo, mas ele manteve de forma fiel as argumentações anunciadas no início de seu mandato, que foi encerrado poucos dias

⁴⁹ “Glasnost and perestroika were undermining the political and economic foundations of the Soviet order. Localism, nationalism, corruption, illegal phenomena, which had grown unchecked under the rule of Brezhnev, had been reinforced by the dismantlement of central controls undertaken by Gorbachev. He was Russia’s ‘holy fool’. And like the ‘holy fool’ he did not know it.”

após a assinatura da Comunidade dos Estados Independentes (CEI)⁵⁰. A conjuntura em que a Perestróica e Glasnost estavam inseridas acabou fortalecendo problemas antigos, de modo que os programas de Gorbatchev não exorcizaram com as dificuldades burocráticas, mas os burocratas se valeram de brechas do sistema para ingerir sob a nova postura governamental. Portanto, neste trabalho, não reforçamos a ideia de que foram a Perestróica ou a Glasnost que causou a queda da URSS, mas sim problemas profundos que, uma vez mal administrados, minaram toda e qualquer iniciativa governamental de resguardar o futuro soviético.

No que tange a crise econômica e a intervenção no Afeganistão, pode-se dizer que foram desafios que levaram, de forma consciente e aberta, o governo a reajustar a economia e a política interna. Estes dois momentos se demonstraram veículos de um processo já avançado que levaria ao caos interno, além de testar as bases institucionais na URSS que, de forma geral, estavam desgastadas já havia algum tempo. Sendo assim, acreditamos que a Perestróica e a Glasnost são o fim do processo, e a última tentativa de reerguer a URSS e meio as crises econômicas e políticas causadas, entre outros fatores, pela estagnação dos anos 70 e a intervenção militar no Afeganistão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da presente pesquisa, é possível compreender que a estagnação econômica dos anos 70 e intervenção militar no Afeganistão foram momentos da história soviética imperativos para a queda da URSS. Além disso, o fato desses dois processos se encontrarem em determinado ponto da história (1979) fez com que os mesmos se tornassem parte do mesmo problema, aumentando a crise econômica e levando a dissolução política.

No que tange a economia, notamos que o alto grau de dependência da União Soviética com a produção de petróleo mascarou a ineficácia do modelo produtivo inflexível e a falta de diversificação na produção. O petróleo, neste sentido, causou

⁵⁰ A Comunidade dos Estados Independentes (CEI) foi assinada em 21 de dezembro de 1991, na cidade de Minsk, na Bielorrússia. Porém, em 8 de dezembro de 1991, uma reunião no mesmo país deu cabo a ideia que, mais tarde, viria a ser o estopim para a dissolução da URSS. O então presidente Mikhail Gorbachev considerou a reunião um ato "ilegal", tramado pelo político dissidente do PCUS, Boris Yeltsin e líderes da Bielorrússia e Ucrânia.

certo relaxamento do regime que, devido à crise energética de 1973, pôde usufruir de grandes ganhos na pauta de exportação, causando a sensação de bem-estar não só social, mas econômica. De fato, só o primeiro, respectivamente, era palpável, pois o seu peso (junto com o respaldo político) podia ser mensurado por meio de ganhos reais. A economia, por sua vez, estava caminhando para o recesso devido a inabilidades dos seus gerentes.

A intervenção militar no Afeganistão (1979), e o contexto de quase dez anos de conflito, participa integralmente do processo de crise econômica. Nos anos 70, o Afeganistão começou a sofrer de sérios problemas políticos devido ao insucesso da influência marxista-leninista na região, o que causou dificuldades administrativas e políticas no país. Sendo assim, se o empenho soviético era construir no Afeganistão uma aliança sólida, haja vista a influência estadunidense nos países circunvizinhos, o mesmo viu o país árabe sucumbir diante de um planejamento forçado e desesperado que foi alimentado devido à disputa do mundo bipolar.

O Afeganistão se tornou palco das políticas desenvolvidas durante a Guerra Fria. Devido à característica de *Proxy War* do conflito, as similitudes da intervenção ao Afeganistão com a Guerra do Vietnã são facilmente comparáveis. De certa forma, o Afeganistão pode ser chamado de “Vietnã soviético”, pois, no fim, a URSS sofreu com perdas militares, políticas e econômicas em um conflito mal orientado, similar às perdas estadunidenses no Vietnã.

Se os paradoxos causados pelo apogeu político, tecnológico e social da URSS mascararam o processo de decadência da produtividade a primeiro momento, a partir desta pesquisa, pode-se dizer, também, que o processo de intervenção militar no Afeganistão, em 1979, na verdade, fez parte de um processo maior que iniciou no momento oportuno dos anos 50, e que tomou grandes proporções a partir do descompasso dos problemas internos do país, relacionados, ainda, ao envolvimento soviético nos pilares governamentais. Esta visão parte do princípio de que, a intervenção militar é resultado, sobretudo, de uma ingerência política profunda, ao qual a URSS não pôde se desvencilhar facilmente nos anos 70. Inclusive, o nosso trabalho propõem que a intervenção militar é, também, resultado de políticas predatórias do contexto de Guerra Fria, visto a necessidade de proteger as áreas de influência. Ou seja, o Afeganistão estava exposto no jogo de poder das

grandes potências, colaborando para manter e criar novos abismos políticos e econômicos durante os anos 80.

A intervenção, de um modo geral, é tratada neste trabalho a partir de dois momentos: as ingerências pré-conflito e a intervenção militar. As ingerências anteriores ao conflito militar corresponde ao momento oportuno em que a URSS vivia (apogeu pós-guerra), diferentemente do momento da intervenção militar, onde o processo de estagnação econômica demonstrava os mais baixos índices econômicos desde 1946, e que corroborou (em médio prazo) para a perda do controle no Oriente Médio.

Neste sentido, trabalhamos com a perspectiva de que a estagnação econômica dos anos 70 e a intervenção militar no Afeganistão fazem parte de dois processos iniciados de forma autônoma, mas que estavam fadados ao mesmo destino. O primeiro de origem histórico-econômica, e o segundo de origem histórico-política que, em 1979 (momento da sovietação dos conflitos internos do Afeganistão), conduzem os mesmos para um processo único (político-econômico), carregando consigo déficits das décadas passadas e se somando a decadência sistêmica da URSS. Dessa forma, confirma-se que há de fato uma correlação entre estes dois momentos e a queda da URSS, que foi subjugada não pelo socialismo, mas pela ineficiência governamental e burocrática que foi insistentemente mantida.

Enquanto a estagnação econômica dos anos 70 foi responsável pelo declínio nos índices de crescimento, a intervenção militar no Afeganistão tratou de aumentar os abismos políticos da URSS. Embora estes dois processos se encontrem no início dos anos 80, fazendo parte assim de um processo único, há de se ressaltar que a influência política da URSS crescia concomitante a estagnação econômica, isto se deve ao “mascaramento” de problemas profundos na economia soviética. Os abismos que nos referimos são devidos aos problemas criados durante a intervenção, visto que a URSS foi muito criticada pelo ocidente e países árabes, o que também marcou o fim da *détente*.

Para além do objetivo deste trabalho, ressaltamos que não foi aqui levantando o peso de outros problemas concomitantes a este processo, mas sim a importância conjuntural dos eventos aqui expostos, pois mesmo que não possam ser considerados como os únicos fatores para a dissolução do país, visto que encaramos este momento como o fim de um processo de mais de 30 anos (1955-

1991), o grau de relevância dos mesmos para a queda da URSS pode ser medido por suas consequências internas e externas, como isolamento político e o caos econômico na entrada dos anos 90.

Por fim, consideramos que as medidas econômicas e políticas desenvolvidas por Gorbachev e sua equipe correspondem ao “começo do fim” do processo de dissolução. Como demonstramos anteriormente, este trabalho não tem por objetivo reforçar a ideia de que a Perestróica e a Glasnost foram a causa da queda da URSS, mas sim que o processo de ruptura da União estava tão avançado que os programas idealizados por Gorbachev não teriam como surtir o efeito desejado, ainda mais sob a tutela oposicionista que não encorajava fortes mudanças no regime político, tampouco medidas revolucionárias na economia. Pontuamos ainda que, a queda da URSS corresponde a diversos fatores sistêmicos que foram fomentados pela inabilidade administrativa dos poderes centrais e a consequente rigidez da elite burocrática soviética. A estagnação dos anos 70 e a intervenção no Afeganistão são parte desse legado, que conheceu o apogeu político e social da URSS, mas que também pouco fez para evitar o descalabro econômico, situação que foi, sobretudo, fundamental para o processo de queda da União Soviética.

REFERÊNCIAS

ALI, Tariq. **Confronto de Fundamentalismos: Cruzadas, Jihads e Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005, pp. 283-301.

ASCHER, Abraham. **Russia: A Short History**. One World Oxford, 2009.

BEDIN, Gilmar Antonio et al. **Paradigmas das Relações Internacionais**. 3. ed. Ijuí: Unijui, 2011.

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **A evolução dos estudos de segurança internacional**. São Paulo: Unesp, 2012. Tradução de: Flávio Lira.

DONOHUE, John J. & ESPOSITO, John L. **Islam in Transition – Muslim Perspectives**. New York: Oxford University Press, 2007, pp. 430-432.

GARTHOFF, Raymond L. **Détente and Confrontation: American-Soviet Relations from Nixon to Reagan**. Revised Edition. Washington, D.C. : The Brookings Institution. 1994

GOLDMAN, Marshall. **Petrostate: Putin, Power and the New Russia**. Nova Iorque: Oxford, 2010.

KEOHANE, Robert. **International institutions and state power**. Boulder: Westview Press, 1989.

LEONHARD, Wolfgang. **O Futuro do Comunismo Soviético: em véspera de uma nova revolução?**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1977.

MISHALI-RAM, Meirav. Afghanistan: **A Legacy of Violence? Internal and External Factors of the Enduring Violent Conflict**. Duke University Press, 2008.

MORGENTHAU, Hans. **A Política entre as Nações: A luta pelo poder e pela paz**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

ODELL, R. Peter. **Oil and World Power**. Londres: Penguin Books, 1986.

SAIKAL, Amin. **Modern Afghanistan: A History of Struggle and Survival**. Nova Iorque: I.B. Tauris, 2004.

SAIKAL, Amin. **The Cambridge history of cold war: Islamism, the Iranian revolution, and the Soviet invasion of Afghanistan**. Cambridge University Press, 2010 (p. 121-134).

SARFATI, Gilberto. **Teorias de Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005.

SEGRILLO, Angelo. **Os Russos**. São Paulo: Contexto, 2012

_____. **Rússia e Brasil em Transformação: Uma breve história dos partidos russos e brasileiros na democratização política**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

_____. **O Declínio da URSS: Um estudo das causas**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SERVICE, Robert. **A History of Modern Russia: from Tsarism to the twenty-first century**. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

TODD, Emmanuel. **La chute finale: Essais sur la décomposition de la sphère Soviétique**. Paris: Robert Laffont, 1976.

VILLICAÑA, Román López. **Estudios de Asia y Africa**. Vol.46, n°. 1 (144) (Janeiro-Abril), pp. 141-160. Puebla: El Colegio De Mexico, 2011.

WALTZ, Kenneth N. **O Homem, o Estado e a Guerra: uma análise teórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WAHAB, Shaista & YOUNGERMAN, Barry. 2010. **A Brief History of Afeghanistan**, 2° Edition. Infobase Publishing, 2009

WILCZYNSKI, J. **A Economia do Socialismo**. São Paulo: Vértice, 1987.

REFERÊNCIAS E DOCUMENTOS DE WEBSITES

CHERNYAEV, Anatoly. **Anatoly S. Chernyaev Diary**. 1988. Traduzido por: Anna Melyakova. Disponível em: <<http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB251/28.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

GUERRA, Adriano. **A URSS 70 anos depois da revolução**. 1988. Traduzido por: Breno Altman. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n14/a06n14.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

GRUPO EDITORIAL RECORD. **Angelo Segrillo: Entrevista - O Declínio da URSS**. Disponível em: <http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=2589&id_entrevista=70> Acessado em: 18.06.2014.

HARRISON, Mark. **Are Command Economies Unstable? Why did the Soviet Economy Collapse?** 2003. Disponível em: <<http://www2.warwick.ac.uk/fac/soc/economics/staff/mharrison/papers/command.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2014.

ISW – INSTITUTE FOR THE STUDY OF WAR. **Russia and Afghanistan**. Disponível em: <<http://www.understandingwar.org/russia-and-afghanistan>>. Acesso em: 10 out. 2014

KAKAR, Mohammad Hassan. **Afghanistan: The Soviet Invasion and the Afghan Response, 1979-1982**. 1995. Disponível em: <<http://publishing.cdlib.org/ucpressebooks/view?docId=ft7b69p12h;brand=ucpress>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

LINN, Johannes F. **Economic (Dis)Integration Matters: The Soviet Collapse Revisited**. 2004. Disponível em: <<http://www.brookings.edu/views/Papers/200410linn.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2014.

MORINI, Daryl. **Why Did the Soviet Union Invade Afghanistan?: Failure of Intelligence or of the Policy Process?**. 2005. Disponível em: <<http://www.e-ir.info/2010/01/03/the-soviet-union's-last-war/>>. Acesso em: 15 set. 2014.

NIKIFORUK, Andrew. **What Really Killed Soviet Union? Oil Shock?** 2013. Disponível em: <<http://theyee.ca/News/2013/03/13/Soviet-Union-Oil/>>. Acesso em: 08 set. 2014.

NOLAN, Janne E.; MACEACHIN, Douglas; TOCKMAN, Kristine. **Discourse, Dissent, and Strategic Surprise: Formulating the U.S Security Policy in Age of Uncertainty.** 2006. Disponível em: <https://isd.georgetown.edu/sites/isd/files/Discourse_Dissent.pdf>. Acesso em: 10 set. 2014.

REYNOLDS, Douglas. **Soviet Economic Decline: Did an Oil Crisis Cause the Transition in the Soviet Union?** 2000. Disponível em: <<http://www.hubbartpeak.com/reynolds/sovietdecline.htm>>. Acesso em: 08 set. 2014

SLAUGHTER, Anne-marie. **International Relations: Principal Theories.** 2011. Disponível em: <https://www.princeton.edu/~slaughtr/Articles/722_IntlRelPrincipalTheories_Slaughter_20110509zG.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2014.

TERRA, Marina. **Hoje na história: 1989 - Tropas Soviéticas Abandonam Oficialmente Afeganistão.** 2013. Disponível em: <<http://m.operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/27183/hoje+na+historia+1989++tropas+sovieticas+abandonam+oficialmente+afeganistao.shtml>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

WALTZ, Kenneth. **Theory of International Politics.** 1979. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/40007016/Kenneth-Waltz-Theory-of-International-Politics>> Acesso em: 20 de Jun. de 2014.